

Revista appai

E
d
u
c
a
r

Informação ao Profissional de Educação

Impresso Especial

9912202/255/2008-DR/RJ

APPAI

---CORREIOS---



IMPRESSO

Ideias para tirar o atraso na educação

Ano 13 - Nº 68 - 2010 - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



www.appai.org.br

Um benefício da **appai**



Educação ambiental

*Olga Santana**

É tão comum nas escolas se fazerem projetos que envolvem o tema lixo quanto o fato de que esses projetos só mudam atitudes dos alunos enquanto eles acontecem. Tudo volta como era antes, dizem os professores, referindo-se ao descaso dos alunos com as questões ambientais. É pensando em evitar situações como essas que nos preocupamos em colocar no currículo das escolas o tema “ambiente” de modo tal que ele esteja relacionado a outros temas e não seja tratado de forma pontual. Isso significa, por exemplo, incorporar estudos do ambiente urbano aos conteúdos de Ciências no Ensino Fundamental e aos de Biologia no Ensino Médio. Consideramos que os alunos só irão deixar de desperdiçar materiais, fazendo escolhas conscientes no seu cotidiano que possam influir numa melhoria da qualidade de vida, se perceberem que fazem parte do ambiente.

Compreender que os caminhos que esses materiais seguem na natureza alteram as características do ambiente é algo fundamental para podermos criar situações de, aí sim, discutir possíveis intervenções. Não se estudam questões corriqueiras do cotidiano, como o fato de que, quando deixamos um prato com restos de comida na sala, estamos colaborando para aumentar a população de baratas ou de formigas detritívoras. É bom para quem ter atitudes como essas?

Assim, não basta quereremos que os alunos aprendam os conteúdos tradicionais da Biologia, seja no ensino Fundamental ou no Médio, nos mostrando preocupados somente com os conceitos propriamente ditos; precisamos é fazer os alunos usarem esses conceitos sempre pensando no ambiente como um todo. As boas escolhas que os alunos irão fazer na vida dependem das boas escolhas que realizamos ao planejar nossos fazeres na sala de aula.

***Olga Santana** é licenciada e bacharel em Ciências Biológicas, mestranda em Ensino de Ciências.



Educação contra cultura

*Demétrio Sena**

Não há inimigo mais ferrenho da cultura do que aquelas escolas cujos diretores são meros burocratas ou administradores financeiros, e os professores, carcereiros de uma didática fria, mercadológica, impessoal. Profissionais dessa natureza já não têm alma; têm sistema. Substituíram a inteligência afetiva, ou a sensibilidade própria do educar, pela desumana praticidade que roubou a maciez de seus rostos e o brilho de seus olhos.

Escolas inimigas da cultura são aquelas que já não querem “perder” tempo, lucro, verba ou *per capita*, incentivando as artes; valorizando as letras. Apresentando aos alunos pessoas que dão vida e promovem a cultura local. Escritores e artistas de carne e osso, que levariam seus alunos a entender melhor a sociedade que os rodeia, levando-os a decodificar o mundo real das possibilidades humanas. Tais escolas estão inchadas de política partidária.

Têm as portas e os cofres abertos para palestrantes tão famosos quanto previsíveis, repetitivos e altamente onerosos, mas são incapazes de valorizar os talentos internos ou próximos. Talentos de gente acessível, bem menos dispendiosa, muitas vezes voluntária e de mais bagagem. Infeliz é a escola onde os dirigentes e lecionadores desconfiam dos simples. Fecham-se para o produtor cultural da terra. Menosprezam as artes e os artistas locais.

Com isso, sua lição diária aos alunos é a de que eles, com seus sonhos e aspirações, não merecem respeito e credibilidade, porque são do lugar... São profetas da terra... Figurinhas marcadas... Com caras de vida real. Com dois livros recém-lançados, tenho percebido em diversas escolas essas características lamentáveis. Sinto por seus alunos e o que eles estão aprendendo com a rotina dessas atitudes.

***Demétrio Sena** é educador lotado no Ciep 327 - Suruí - Magé - RJ e membro da Academia Mageense de Letras.



Conselho Editorial

Julio Cesar da Costa e Ednaldo Carvalho

Jornalismo

Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Coordenação Pedagógica

Rebeca Carvalho

Colaboração

Cláudia Sanches, Sandra Martins, Tony Carvalho, Marcela Figueiredo e Wellison Magalhães

Fotografia

Marcelo Ávila e Tony Carvalho

Design Gráfico

Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão

Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem

Bimestral - 70.000 (setenta mil)

Impressão e distribuição

Gráfica Ediouro - Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação do Jornal Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/222
2º andar - Centro - Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br
Tel.: (21) 3983-3200

* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



Aprenda Francês na Internet gratuitamente
<http://francoclic.mec.gov.br/>

Francoclic é um *site* contendo diversos recursos de acesso livre, destinado particularmente aos alunos e professores interessados na aprendizagem e no ensino da língua francesa e das culturas francófonas. Francoclic é o resultado de uma parceria entre a Embaixada da França no Brasil e o Ministério brasileiro da Educação para responder a um verdadeiro pedido dos atores da língua francesa no Brasil.

Nele você encontra os módulos: de auto-aprendizagem "Reflets-Brésil", de utilização em sala de aula "Br@nché!", de especialidade agrícola "Agriscola" e de descoberta "le monde francophone d'un clic" e "Images de France".



Livros em formato digital download gratuito.
www.culturaacademica.com.br/catalogo.asp

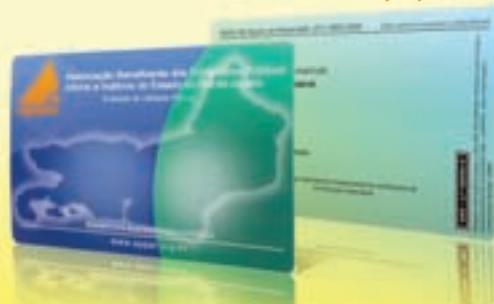
A Editora Cultura Acadêmica, *site* virtual, inaugura a Coleção PROPG-DIGITAL, que publica livros em primeira edição apenas nos formatos digitais, com a possibilidade de download gratuito.



Audioteca Sal e Luz
<http://audioteca.org.br>

A audioteca Sal e Luz, no Rio, atende mais de duas mil pessoas com empréstimos de audiolivros e obras em braille. Sem fins lucrativos, a instituição se mantém com a ajuda de parcerias.

Nova Carteira Social Appai



A partir de novembro, a Appai começa a enviar o primeiro lote das novas carteiras para os associados, dependentes e agregados, cuja documentação encontra-se em dia. Ao todo serão 6 lotes, distribuídos quinzenalmente por ordem alfabética. Caso você e/ou seus beneficiários não recebam, pode estar constando alguma pendência de dados e/ou documentos. Neste caso, acesse o Portal do Associado www.appai.org.br, verifique qual documento está pendente e regularize eletronicamente. Mais informações: Apoio ao Associado, pelo telefone (21) 3983-3200.

Ministério do Meio Ambiente
www.mma.gov.br/ppcs

O Plano de Ação para Produção e Consumo Sustentáveis já se encontra disponível para consulta pública até 11.11.2010. Nessa plataforma estão inseridos também documentos de apoio, a apresentação do Plano, as orientações para o formulário de contribuições e outras informações. Contamos com a sua participação, por meio de sua instituição, para o aperfeiçoamento dessa importante ferramenta de gestão que tem o objetivo de contribuir para a transformação dos atuais padrões de produção e consumo da sociedade rumo ao desenvolvimento sustentável.

PontoCiência: Várias experiências, um só lugar: www.pontociencia.org.br/sobre.php



O portal pontociência é uma iniciativa pioneira na criação de uma comunidade virtual de professores, alunos e entusiastas da ciência, mantido por docentes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nele você vai encontrar instruções passo a passo, com fotos e vídeos, de experimentos de Química, Física e Biologia. A ciência por trás dos fenômenos é explicada em uma linguagem simples e com grande cuidado e precisão nas informações fornecidas. O portal é um ponto de encontro onde pessoas podem discutir a criação e utilização de experimentos no ensino e na divulgação da ciência.



Cuidar do Planeta é lição de casa

Projeto estimula alunos a cuidar da natureza e a preservar as espécies

Marcela Figueiredo

Reciclar, preservar, não poluir, sustentabilidade... Diariamente nos deparamos com palavras e conceitos que alertam para a responsabilidade de cada cidadão no cuidado com o meio ambiente. O desafio para os profissionais da educação é fazer com que os alunos incorporem tais valores e transformem os ensinamentos em prática cotidiana.

Os educadores do Jardim Escola Aladdin perceberam a importância de se trabalhar esses conceitos e prepararam uma feira de ciências para falar sobre os cuidados com o Planeta. No evento, intitulado *A gente cuida do planeta*, os alunos cantaram, dançaram e expuseram cartazes e maquetes que incentivavam à preservação do meio ambiente.

Cada turma fez uma apresentação de dança com músicas e, de acordo com a idade e série de cada criança, leram textos, poesias, fizeram maquetes e enumeraram os principais animais em extinção no Brasil. To-

das as músicas exaltavam a preservação da biodiversidade, enquanto as maquetes eram preparadas com materiais reciclados. Foi um dia exclusivo para ensinar e aprender respeito, dedicação e amor pela natureza.

Durante o mês que antecedeu o evento, foram desenvolvidas atividades pedagógicas com os alunos com o objetivo de fazê-los absorver a ideia de como é importante a participação de cada pessoa no cuidado com a Terra. Professores sugeriram pesquisas de textos e gravuras que exemplificassem como o homem destrói sua própria casa e, a partir disso, trabalharam com todas as turmas para que fossem preparados os materiais para a apresentação.

Enquanto aprendem a cuidar do Planeta as crianças demonstram o cuidado umas com as outras





Símbolo do reciclável estampado no peito e olhar atento às apresentações das outras turmas

“Nosso objetivo é fazer com que os alunos aprendam a cuidar da natureza e percebam a importância disso para se perpetuar a vida e preservar o Planeta para as próximas gerações”, conta a diretora Rosa Muniz.

No grande dia eles estavam superafiados. Leram poesias e já sabiam que as queimadas e a poluição eram as principais causas da destruição do meio ambiente. Explicaram direitinho quais eram os animais em extinção e como reverter o processo de degradação ambiental. “Não devemos jogar lixo nas ruas”, “o derramamento de óleo nos mares mata os peixes” e “precisamos reflorestar” foram alguns dos ensinamentos já incorporados pelos alunos.

Todos nós temos uma parcela de responsabilidade, e a coordenadora Inez Regina destaca o papel da escola e da criança no processo de preservação da biodiversidade: “Queremos preparar a criança para o futuro sustentável. O adulto já tem a consciência formada, já os pequenos aprendem aqui e contam para os pais e amigos, passam adiante o que assimilaram”. E completa: “Nós queremos formá-las como cidadãs, prepará-las para o futuro, para que elas sejam multiplicadoras de conhecimento e difundam a ideia de preservação.

Além de eventos como o realizado pelo Jardim Escola Aladdin, instituições de ensino podem estimular nas crianças formas de manutenção e conservação do meio ambiente com atitudes simples. Nos pátios e áreas comuns do colégio, por exemplo, podem ser

colocados diferentes cestos de lixo para cada tipo de material descartado. Em datas comemorativas, como o dia da árvore (21 de setembro), do meio ambiente (5 de junho) e da água (22 de março), elas podem ser orientadas a fazer pesquisas sobre o ciclo da água ou sobre as organizações que atuam na defesa dos meios naturais (Greenpeace, WWF Brasil e Projeto Tamar são alguns exemplos).

Furacões, enchentes, deslizamentos, assoreamento dos rios e temperaturas extremas são os resultados já vivenciados por nós devido às atitudes irresponsáveis de grande parcela da população. O doutor em Educação João Luís de Almeida Machado alerta: “Se não pararmos de devastar o Planeta, corremos o sério risco de sermos os próximos na lista de animais em extinção...”. Despertar nas crianças a percepção de seu papel na manutenção da vida é dever de toda a sociedade, e a escola tem uma função primordial nesse processo.

Jardim Escola Aladdin
Rua Samuel das Neves, 97 – Pechincha – Jacarepaguá – Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 3253-6833
Diretora: Rosa Muniz
Fotos: Marcelo Ávila



Com a exposição de maquetes e cartazes eles aprendem desde cedo a preservar a natureza



Foto: Álbum CPFL Cultura

Será que existe professor(a) ideal?

Pouco serve idealizar educadores. Porém é possível apontar qualidades de gente de verdade, que faz um bom trabalho em condições reais

Luis C. de Menezes

Visitando escolas, encontro casos de excelência no trabalho coletivo de professores, assim como de atuações individuais excepcionais. No entanto, ao dar destaque a eles, tenho sido questionado por alguns leitores sobre eventuais idealizações de minha parte. Segundo eles, os personagens de meus exemplos provavelmente não teriam o mesmo desempenho se encarassem condições adversas, como violência, indisciplina e problemas de infraestrutura ou de ordem material.

Em respeito a essa preocupação, reitero que não falo de professores notáveis, com superpoderes e capazes de qualquer proeza, em qualquer situação. É preferível valorizar o trabalho de profissionais que fazem o possível nas circunstâncias que enfrentam, com os recursos de que dispõem.

Idealizações são artificiais, como as imagens tão comuns em propagandas de carro de luxo, que mostram ao volante um jovem atlético, sorridente e ousado, mesmo quando se sabe que a maioria dos proprietários é mais velha, séria e cautelosa. A intenção é facilitar a venda, associando esse virtual comprador ao produto.

A Educação, porém, não deve estar a serviço dos valores do mercado, e sim da sociedade. Logo, as qualidades que destacam professores nada têm de publicitárias. Eu as encontro em educadores que gosto de ver no comando das salas de aula brasileiras. Vejamos quais são, em minha opinião, essas características:

– Lucidez para não esperar alunos ideais, que já cheguem motivados, atentos e com os pré-requisitos desejados. Esses professores trabalham com os que de fato recebem e, na medida de suas possibilidades, enfrentam os desafios que se apresentam. Por isso, quase nunca se decepcionam ou se frustram.

– Respeito próprio para não aceitarem condições impróprias de trabalho, nem se limitarem a reclamar delas. Ao contrário, buscam transformá-las por saberem que um ambiente mais satisfatório para eles será também mais efetivo para o aprendizado de seus alunos.

– Comprometimento com a formação dos estudantes de modo que, além de ministrarem suas disciplinas, também se articulem com colegas e coordenadores em torno de ações educativas conjuntas. Sem isso, não se efetivaria o projeto pedagógico da escola.

– Consciência do próprio valor e da importância dos conhecimentos e das competências que promovem. Por isso, esses profissionais não se acomodam com o que já sabem, mas buscam aperfeiçoamento didático e cultural permanente. A partir dessa atitude, de recusa à passividade, esses docentes também rejeitam gestões pedagógicas burocráticas.

– Solidariedade para quem necessita de mais atenção, como alunos e colegas de trabalho em situação difícil.

– Coragem para intervir quando é preciso tomar decisões complicadas, como mediar conflitos, mostrando que a atitude justa não é de indiferença ou neutralidade.

Professores que mesclam, em parte ou integralmente, essas qua-

lidades realmente existem e constituem uma referência de conduta importante nas escolas em que trabalham. Por isso, as instituições que os recebem são privilegiadas. Esses profissionais não são geniais ou perfeitos, mas nunca paro de

"É preferível valorizar o trabalho de profissionais que fazem o possível nas circunstâncias que enfrentam, com os recursos de que dispõem."

aprender com eles. Também não me canso de citá-los em conversas informais, palestras e nesta coluna.

Mas não é necessário, e nem sequer possível, reunir todos eles em um único tipo ideal. Além disso, minha seleção é muito variada e inclui gente expansiva e tímida, jovem e madura, comunicativa e reservada, simples ou descolada.

Você sabe que não se fazem estátuas de educadores assim, mas eles podem ser encontrados ensinando em qualquer escola, na sua, inclusive. E, quem sabe, usando seus sapatos.

Luis Carlos de Menezes é Físico e Educador da Universidade de São Paulo (USP).

Fonte: Extraída na íntegra da Revista Nova Escola – Edição 234 / Agosto 2010

e-mail: penseniso@abril.com.br

Foto: CPFL Cultura



Museu a Céu Aberto

Esculturas naturais gigantesas promovem um encontro entre o humano e o belo

Antônia Lúcia



Do sertão do cariri para o mundo. Essa é resumidamente a história de um dos mais notáveis artistas plásticos brasileiros, o cearense Geraldo Simplício, conhecido como Nêgo. Usando uma técnica milenar, o entalhe, ele criou um espetáculo à parte em seu museu verde erguido a céu aberto, numa pequena parte da Mata Atlântica, mais precisamente na região de Nova Friburgo, na altura do Km 55 da RJ 130, no sentido para Tere-sópolis, distrito de Campo do Coelho. O conjunto de obras do artista impressiona não apenas pela técnica aplicada, mas, sobretudo, pelo tamanho, minudência e riqueza de detalhes, que, somados à sensibilidade do criador, descrevem a beleza e o encantamento das esculturas gigantesas em forma de mulheres, crianças, animais, entre outras imagens.

Esculpidas em rochas, as figuras surgem da terra ensaibrada (um tipo de argila misturada com areia e pedra) ganhando contorno nas curvas naturais dos barrancos, no sítio do artista, oferecendo ao visitante um encontro entre o humano e o belo. Ao falar sobre sua técnica e suas esculturas com mais de cinco metros, Nêgo frisa que, apesar do volume, as obras não podem ser erguidas em pé, uma vez que o barro não se autossustenta. Por isso, todas as figuras estão de cócoras, ajoelhadas ou deitadas. À beleza do conjunto soma-se uma pigmentação natural musgosa, que encobre cada peça, num efeito que ultrapassa o estético. Segundo o escultor, o musgo age como um revestimento natural para que as peças não sofram desgaste e/ou arrastamento

da terra pela ação mecânica e química dos agentes geológicos.

A preocupação do artista com a preservação das árvores do local acaba interferindo no tempo de criação, é o que explica Geraldo. “Eu sempre procuro desviar das árvores. Nunca as corto e, quando não dá para começar uma escultura naquele lugar por causa de uma árvore, eu escolho outro local”, argumenta o naturalista, lembrando que desde menino, além de fazer pequenos trabalhos de escultura, sempre teve bastante preocupação com a natureza. Em 1981, a convite de uma conhecida mudou-se para essa localidade serrana e, depois de avaliar a terra, descobriu que poderia dar continuidade a sua arte trocando apenas o material de base, a madeira, pelo barro úmido da região amena da serra.

Mantendo a mesma técnica aprendida ainda menino, Nêgo explica que, depois de avaliar e escolher o local, inicia o desbaste da terra e, aos poucos, aquilo que era um amontoado de barro vai tomando forma e ganhando vida. Depois da escultura finalizada, o escultor a reveste com uma camada de lama preta para tampar os poros da terra. A seguir a cobre com uma lona de plástico e durante um ano, aproximadamente, a escultura é molhada e abafada para que se crie o musgo, utilizado como permeabilizante natural contra a erosão.

O museu a Céu Aberto, ou Jardim do Nêgo, como é conhecido o ateliê na região, fica aberto à visitação pública diariamente, das 7 às 17 horas. A entrada custa apenas R\$ 10,00. Crianças até dez anos não pagam. Mais informações através do telefone: (22) 2543-2253.

Appai

Tel.: (21) 3983-3200

Contato e-mail:

treinamento@appai.org.br

Outubro

Escola Municipal Tereza Pinheiro de Almeida – Angra dos Reis

Dificuldades de aprendizagem

Ciep 380 – Escola de Normalista

Dificuldades de Aprendizagem

SEDUC – Caxias

Neurociências e práticas educacionais / Neuroeducação: uma incógnita? – manhã

Interfaces entre o desenvolvimento da linguagem oral e escrita – manhã

Sexualidade e infância: uma questão de educação – tarde

Dificuldades de aprendizagem – manhã

Transtornos fonoaudiológicos: aprendendo a identificá-los – manhã

Psicomotricidade e educação – tarde

Novembro

SAREM – Serviço de Atendimento de Reabilitação Especial de Maricá

Transtornos de Aprendizagem – caracterização e formas de intervenção pedagógica nos casos de Dislexia, Discalculia, Disortografia e Disgrafia, e sua diferenciação da Dificuldade de Aprendizagem.

Ciep Brizolão 209 Ataulfo Alves (aguardando confirmação)

A construção dos conceitos matemáticos

Contar histórias: entretecer os fios da memória

Dificuldades de aprendizagem

Jogos e educação: vivenciando experiências lúdicas

Dezembro

Ciep Brizolão 209 Ataulfo Alves (aguardando confirmação)

A construção dos conceitos matemáticos

Contar histórias: entretecer os fios da memória

Dificuldades de aprendizagem

Jogos e educação: vivenciando experiências lúdicas

SimproRio

Tel.: (21) 2240-4030

1 – Desenvolvimento do grafismo na Educação Infantil

Público-alvo: professores de Educação Infantil.

Objetivos: Aprofundar o conhecimento sobre o desenvolvimento do grafismo, desde os primeiros rabiscos e ampliar as possibilidades de mediação pedagógica no desenho dos alunos.

Dia e horário: Sábado – 6 de novembro das 9 às 13h

2 – Um, dois, três, conte outra vez

Objetivos: construir a noção de número; desenvolver atividades que contemplem a vivência dos conceitos pré-numéricos; agrupar e desagrupar em diferentes bases através de atividades lúdicas; compreender o que caracteriza um sistema de numeração.

Conteúdos: construção da noção de número, base, sistema de numeração.

Dia e horário: Sábado – 6 de novembro das 9 às 13h

3 – Concertos didáticos: música clássica e popular comentada

A música clássica e popular em apresentações didáticas, com abordagem histórica e estilística de fácil acesso.

2º concerto: Duo piano e flauta com Tibor Fittel e Omar Fadul

Data: Quarta-feira, 10 de novembro, às 18h30 – Entrada franca

4 – Palestra: 100 anos da revolta da chibata

Homenagem a João Cândido – o “Almirante Negro”

“A luta dos marinheiros liderados por João Cândido não apenas reivindicou direitos na Marinha, ela foi também uma das revoltas que melhor traduziu os anseios populares e as lutas pela construção da cidadania brasileira” (Álvaro Nascimento).

Data: Terça-feira, 23 de novembro às 19h – Entrada franca

Estação das Letras

Tel.: (21) 3237-3947

1 – Oficina da crônica

Objetivo: O curso propõe a produção de crônicas em todas as aulas, leitura dos principais autores brasileiros desde o século XIX e seus diversos estilos, além de técnicas específicas.

Período e horários: de 04 a 25/11 – quintas-feiras das 16h30 às 18h20

2 – O amor na Mitologia Grega

Objetivo: A Grécia Antiga apresenta estrutura social patriarcal. Se a mulher é desvalorizada na sociedade, na mitologia ela vai ocupar espaço simbólico de obscuridade e de alteridade. No imaginário mítico, o amor e o casamento se associam, muitas vezes, a signos de morte e destruição.

Período e horários: de 05/11 a 03/12 – sextas-feiras das 16h30 às 18h20

Faculdade Internacional

Signorelli

Tel.: (21) 3332-3000

1 – Pós-graduação Presencial – Aulas aos sábados de 9 às 17h

Início: Fevereiro de 2011

Cursos:

Supervisão Escolar / Educação Inclusiva / Administração Escolar / Orientação Educacional / Docência do Ensino Superior / Docência de Informática Aplicada ao Magistério da Educação Infantil ao Ensino Médio / Gestão Integrada em Educação Básica: Administração Escolar / Supervisão Escolar / Orientação Educacional / Psicomotricidade Clínico-Escolar / Terapia Familiar e Políticas Sociais de Atenção à Família / Sexologia Aplicada ao Magistério do Ensino Fundamental ao Médio / Psicopedagogia Clínico-institucional e Ciências da Religião para o Ensino Religioso.

Casa do Saber (Lagoa)

Tel.: (21) 2227-2237

1 – Artes

De Antígona a Lolita – As grandes mulheres da literatura universal

Palestrante: Marcelo Backes

Início: 4 de novembro

Dias/horários: Quintas-feiras, às 20h (04/11, 11/11, 18/11, 25/11, 02/12)

04 de novembro – Antígona, de Sófocles

11 de novembro – Lady Macbeth e as mulheres de Shakespeare

18 de novembro – Bovary, de Flaubert, e outras francesas

25 de novembro – Capitu, de Machado de Assis, e Diadorim, de Guimarães Rosa

02 de dezembro – Lolita, de Nabokov

Central de Professores

Tels.: (21) 2553-7524

8838-7524

1 – Psicomotricidade - Módulo 1

Público-alvo: Professores de educação física, de música, recreadores, psicopedagogos e todos que estão diretamente ligados ao assunto e a todas as pessoas que necessitam utilizar esse serviço.

Objetivo: Esclarecer a função da psicomotricidade. Orientar as pessoas interessadas em trabalhar com a psicomotricidade.

Programa:

1 - A importância do movimento e do brincar na prática psicomotora;

2 - A Psicomotricidade, o Jogo e o Corpo da criança;

3 - Afetos possíveis no ambiente psicomotor;

4 - Entender a criança como Ser Psicomotor;

5 - O aspecto relacional da Psicomotricidade.

Data de início: 26 de novembro

Horário: 9h às 17h

Local: Auditório do Colégio Princesa Isabel – Rua das Palmeiras, 65 – Botafogo/RJ

Polo de Pensamento

Contemporâneo

Tels.: (21) 2286-3299

2286-3682

1 - A invenção do inconsciente – o desejo em Freud e na contemporaneidade

Auterives Maciel Júnior

As ideias freudianas revolucionaram o pensamento do século XX, criando condições para o surgimento de novas formas de pensar. A invenção do inconsciente e a afirmação do homem como animal desejante produziram mudanças tanto no campo da arte quanto no da filosofia. O objetivo do curso é analisar as transformações do pensar e do agir a partir da descoberta freudiana.

17 de novembro

Os primórdios da psicanálise – a histeria segundo Freud. A invenção do inconsciente e o desejo.

24 de novembro

Pensar de uma outra maneira: o eu não é senhor da sua própria morada – pensamento e inconsciente. O homem como ser desejante.

1 de dezembro

O inconsciente freudiano e a revolução estética. Psicanálise e filosofia. Pensar a partir do inconsciente.

8 de dezembro

A ética e a psicanálise. Desejo e prazer. O cuidado de si e a invenção de formas inéditas de viver.



É muito mais que futebol

Alunos se aproximam da cultura de outros povos conhecendo suas igualdades e diferenças

Marcela Figueiredo



Enquanto o país inteiro admira nossas estrelas em campo, professores da Escola Municipal Professora Margarida Glória Faria utilizam o tema para formar estrelas na vida. O campeonato mundial de futebol foi uma jogada de efeito para atrair a atenção das crianças e fazer com que elas entrassem em contato com a cultura de outros países.

Este ano, a escola, que atende crianças da Educação Infantil ao 4º ano, trabalhou com os alunos a economia, o idioma e os costumes de cada país participante da copa. Para eles, foi uma espécie de “cerimônia oficial” de abertura dos jogos. Teve confecção de bandeiras, exposição de cartazes, caracterização e leitura de contos africanos.

“Tivemos com esse projeto o objetivo de conhecer e valorizar a cultura de diversas nações”, revela a coordenadora pedagógica Ana Claudia. Cada turma ficou responsável por um país. A turma que falou sobre a Inglaterra, por exemplo, realizou desfile com direito a rainha com coroa e tudo. Para fazer bonito, a rivalidade foi colocada de lado e teve até brasileiro com a camisa da Argentina.

Nos cartazes eles expuseram as informações mais importantes

de cada país, como: capital, idioma, moeda local, localização geográfica e cores da bandeira. A África do Sul, país sede dos jogos, ganhou dedicação especial e, para lembrar uma das pessoas mais importantes da história do país, os alunos confeccionaram um cartaz com a foto de Nelson Mandela. Outro aspecto trabalhado sobre a cultura africana foram os contos. “A professora da sala de leitura pesquisou com eles contos africanos e foram preparados lindos cartazes que ficaram expostos no colégio”, relata Ana Claudia.

Com o projeto, os alunos concluíram que Copa do Mundo é muito mais que futebol. Descobriram que cada país tem suas especificidades, além de aprenderem Geografia, História e línguas. As crianças que hoje levantam a bandeira da África ou dos Estados Unidos são os cidadãos que, amanhã, vão levantar o estandarte do respeito, no futebol e na vida.



As crianças entraram em campo e aprenderam aspectos históricos e geográficos de vários países

E. M. Professora Margarida Glória Faria
Av. Prof. Fausto Moreira, s/n – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22793-340
Tel.: (21) 2498-0642
Coordenadora Pedagógica: Ana Claudia
Fotos cedidas pela escola



Manual do professor de sucesso

Germano Assad

7) Bagagem

Boa cultura geral é indispensável. Experiência de vida e conhecimento de causa, além de conquistar o respeito dos alunos e da instituição, fornecem instrumentos para exercitar a interdisciplinaridade. “A formação cultural do educador é muito importante. Para um professor ser um profissional bacana é legal que ele assista a filmes, leia livros, esteja por dentro das coisas, tenha uma vivência cultural. Que ele conheça poesia, leve até a sala de aula um livro, debata com os alunos um filme. Não é uma formação técnica, isolada. É formação pessoal para professores de qualquer área”, explica Eloísa. Afinal de contas, como esperar do aluno admiração por uma pessoa que domina as fórmulas e equações mais complexas, mas, em contrapartida, não conhece absolutamente nada de cinema, teatro, literatura, dança ou cultura em geral?

8) Trabalho em equipe

Não se aconchegue no conforto de sua sala de aula, isolando-se dos outros professores e demais profissionais. A troca de experiências é fundamental para um retorno positivo. Não esqueça! Seus colegas conhecem os alunos tanto quanto você. Marcos Meier, do Martinus, afirma que “procura pessoas que saibam se relacionar e trabalhar em equipe e que não tenham resistências para fazer as interações com as outras áreas do conhecimento nem com os outros profissionais da escola”. Segundo ele, “um professor que tenha dificuldade de se relacionar, ou seja fundamentalista em relação a questões políticas, religiosas ou filosóficas, acaba dando mais valor a teorias ou sistemas do que a pessoas”. Sugestões e novas ideias são sempre bem-vindas, quando acompanhadas de humildade. “Não gostamos muito quando o profissional tem uma postura prepotente, porque isso vai, sem dúvida, dificultar a integração com o grupo. Uma característica muito importante é a de entrar em uma equipe formada e se integrar, saber trabalhar em grupo na hora do desenvolvimento de projetos e atividades”, reforça Arnaldo William Pinto, diretor pedagógico do COC.

9) Não se atenha aos meios convencionais

Tenha uma visão de 360° ao procurar uma colocação. Devido ao excesso de profissionais no mercado, as instituições de ensino anunciam cada vez menos em jornais. “Certa vez nós anunciamos no jornal que precisávamos de dois professores de Português. Nós tivemos 115 candidatos. Aí vem todo esse processo seletivo que se torna extremamente trabalhoso, pois acabamos nos perdendo pelo excesso de gente”, relata Jacir Venturi.

Os currículos ainda são a principal forma de contato inicial entre professor e escola, com poder decisivo de escolha. Portanto, não abandone totalmente esses meios, mas fique sempre antenado para indicações. “Quando precisamos de um professor de Química, por exemplo, nós vamos até os professores dessa disciplina que trabalham na escola para ver se há alguém para indicar, porque, geralmente, eles dão aula em mais de uma escola e conhecem muitos outros professores. Esse critério tem um valor extraordinário”, complementa Jacir.

10) O professor na era digital

Você não precisa ser um expert da informática ou um aficionado por Internet. Mas alguma facilidade com as novas tecnologias do mercado ajudam e muito. Várias escolas dispõem, hoje, de plantões 24 horas para sanar dúvidas dos alunos, pela Internet. Ou, então, de lousas digitais, canhões multimídia, retroprojetores e daí por diante. “Uma característica importante, e que é pré-requisito para nós, é a de o candidato ter um bom trânsito com os recursos digitais em geral. Ele não precisa estar preparado para trabalhar exatamente com o recurso que nós utilizamos em nossa escola, mas ele também não pode ser um analfabeto digital. Tem que ter alguma formação, tem que ser uma pessoa que utilize frequentemente a Internet, para poder estar em sintonia com o que está acontecendo no mundo e, principalmente, na área dele. Isso é muito importante”, explica o diretor pedagógico do COC. Se tecnologia não é o seu forte vale a persistência, humildade e disciplina para incorporá-la ao seu cotidiano de trabalho.

Matéria extraída da Revista Profissão Mestre, em 21 de junho de 2010.
<http://www.profissaomestre.com.br/php/verMateria.php?cod=3527>



Inclusão pelo esporte

APPAl dá apoio a Jogos de Pessoas com Deficiência

Fotos: Tony Carvalho

Corrída de 50 metros, marcha assistida, lançamento de pelota, salto em distância, bocha, futsal e cabo de guerra foram algumas das modalidades que agitaram o XI Jogos da Secretaria Municipal de Pessoas com Deficiência – SMPD. A competição, que ocorre anualmente, foi realizada na Vila Olímpica da Gamboa e envolveu cerca de 700 pessoas, entre atletas profissionais e convidados. A APPAI, através do Programa de Projetos e Ações Sociais, atuou como uma das parceiras dos Jogos. Envolvidos em todas as etapas do evento, os funcionários da Associação participaram desde a organização, passando pelo acompanhamento dos atletas nas pistas, nas quadras, preparação e distribuição dos lanches, até a entrega das medalhas.

A abertura solene da competição contou com desfile das delegações, Hino Nacional, juramento do atleta e acendimento da pira olímpica, feito pelo atleta Antônio Rodrigues de Azevedo (Equipe Tijuca) que, emocionado, conduziu o símbolo maior do espírito desportivo. As disputas uniram os atendidos dos Centros de Referência de Vila Isabel e de Campo Grande, das Casas Mário Lago, Alcide de Gasperi e Pereirinha, além do Programa de Reabilitação Baseada na Comunidade (RBC).

Os Jogos têm três objetivos principais: estimular o gosto das pessoas com deficiência por atividades esportivas, promover integração entre todos: atletas, seus familiares e a comunidade e, ainda, revelar talentos esportivos que possam despontar durante os trabalhos. “A proposta é dar lugar às potencialidades resgatadas ou adquiridas da pessoa com deficiência, a partir das práticas esportivas, aumentando a sua autoestima, e incluir os familiares que participam ativamente do evento.”, afirma Isabel Gimenes, secretária municipal da Pessoa com Deficiência.

A medida que os jogos iam transcorrendo, as medalhas eram entregues aos três primeiros colocados. Contudo, quem observou o espírito esportivo dos atletas e a superação dos limites de cada um deles, chegou à conclusão de que todos são grandes vencedores.





Como afastar os jovens do mundo das drogas

O crack – a droga mais perigosa da atualidade – invadiu a classe média. Uma pesquisa inédita mostra que as famílias não sabem onde obter ajuda. O que fazer para salvar os dependentes

CRACK NEM PENSAR

Imagem extraída da campanha "Crack nem pensar" do grupo RES.

Rodrigo T. e Humberto M.

Foram quatro anos sob os efeitos de maconha, cocaína, ácido lisérgico, *ecstasy*, *crack* e até chá de fita cassete – uma “droga” a que os dependentes recorrem para suportar crises de abstinência. A triste viagem de Renan começou na casa da família, num bairro de classe média em São Paulo, e o levou até a favela Paraisópolis, a segunda maior da capital paulista.

“Lá eu estava onde eu queria, com a galera, e me drogava direto”, diz. Seus pais, Alda e Eli, haviam tentado impor limites para afastá-lo da dependência. Primeiro, conversaram. Depois, proibiram o filho de usar o carro, cortaram a mesada, estabeleceram horário para que ele chegasse em casa. Eles não eram novatos no assunto. Antes de Renan, o caçula da família Larizzatti, outros dois filhos do casal haviam passado por problemas semelhantes. “Com três filhos usando drogas, vi que era o fundo do poço”, diz Alda. O casal decidiu internar o mais novo, então com 22 anos. Antes de ser levado para uma clínica de desintoxicação, Renan fez uma ameaça aos pais: “Quando sair, eu mato vocês”. Três anos e dois meses depois do último contato com as drogas, Renan ajuda a família na casa lotérica que os sustenta. “Hoje, se eu matar meus pais, só se for de amor”, afirma.

Histórias como a dos Larizzattis ocorrem em muitas famílias. Às vezes, porém, o desfecho é trágico. Em 2009, a consultora aposentada Flávia Costa Hahn, de 60 anos, moradora de um bairro nobre de Porto Alegre, matou seu único filho, Tobias Hahn, de 24 anos. O rapaz consumia *crack* desde os 18 anos. Em abril do ano passado, depois de passar três noites em claro fumando *crack*, Tobias voltou para casa para pedir dinheiro.

De acordo com o Mapa da Violência 2010, publicado desde 1998 pelo Instituto Sangari, a partir da década de



1980, o aumento da violência homicida no país foi fundamentalmente causado pelo crescimento descontrolado dos homicídios entre os jovens. Se em 1980 a taxa de homicídios, entre os jovens de 15 a 24 anos de idade, foi de 30 para cada 100 mil jovens, em 2007 chegou a 50,1 para cada 200 mil. Isso revela, de forma inequívoca, a exclusiva participação juvenil no drama do crescimento da violência letal do País (veja gráfico na página 19). Estudos paralelos apontam que o *crack* tem contribuído de forma maciça para o incremento desses números. Veja relatório completo no site: <http://www.institutosangari.org.br/mapadaviolencia>

Flávia conta que discutiu com o filho, foi agredida e, para tentar se defender, pegou um revólver da coleção de armas do marido. A arma disparou e atingiu Tobias no pescoço. Ele morreu na hora. Em outro caso dramático, o músico Bruno Kligierman, de 26 anos, um jovem de classe média alta, morador da Zona Sul do Rio de Janeiro, sufocou até a morte a amiga Bárbara Calazans, de 16. Ele havia consumido *crack* a noite toda. Seu pai, o poeta Luiz Fernando Prôa, o entregou à polícia.

Para dependentes de drogas, raramente há uma saída fácil. Internar o filho drogado, como fizeram os pais de Renan, é um recurso extremo que até pouco tempo atrás era definido como exagerado.

Medidas exageradas podem levar o usuário de **drogas** a ficar mais tempo nesse universo

Para os Larizzattis, a decisão provou ser correta. Não só porque ele venceu a dependência. "Os pais de hoje têm medo de agir, estabelecer regras ou proibir", afirma Luiz Fernando Cauduro, vice-presidente da ONG Amor Exigente, que ajuda famílias nessa situação. "Esse medo tem de ser rompido. Ele leva a família a não tomar uma atitude – e isso pode tornar o caso crônico".

Mas o que fazer quando mesmo uma atitude mais dura da família não basta? Em 2005, a funcionária pública Sônia (*nome fictício*) descobriu que seu filho mais novo, então com 13 anos, era usuário de drogas. Sônia, o marido e outros dois filhos viviam num condomínio de classe média alta no interior paulista. O caçula havia começado a fumar maconha aos 11 anos, com amigos. Seu rendimento escolar despencou, ele trocou de amizades e se distanciou dos irmãos. "Achei que era um problema da idade, da adolescência", diz Sônia. "Só percebi que eram as drogas quando antigos amigos dele me falaram que ele estava andando com uma turma barra-pesada." Sônia

procurou ajuda onde pôde. "Pesquisei na internet, em serviços públicos, paguei psicólogos, terapias, até a igreja eu procurei", diz.

A família decidiu tirar o filho da escola para distanciá-lo das amizades e vigiá-lo de perto. Ficava sob os cuidados do pai, vendedor de joias, que o levava até nas viagens de negócios. Em 2007, Sônia internou o filho em uma clínica para dependentes ligada a religiosos. O tratamento era baseado mais em ações espirituais do que terapêuticas, e não teve resultado. "Foi um tiro no pé, havia gente mais velha, e ali ele aprendeu tudo sobre as drogas". Sônia decidiu então mudar de cidade. "Querida afastá-lo de tudo o que havia acontecido". No começo, a estratégia deu certo: o filho passou um ano sem se drogar, começou a trabalhar em um *pet shop* e pensava em voltar a estudar. Mas houve uma recaída. Hoje, aos 17 anos, o caçula de Sônia está internado. Pela segunda vez, ele tenta largar o vício.

Os resultados distintos das experiências de Sônia e da família Larizzatti no combate às drogas mostram que não existe um método infalível. A internação numa clínica só deve ser considerada quando outras abordagens falham. "Os pais devem saber conversar com os filhos", diz a psicóloga Lulli Milman, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), autora do livro *Cresceram!!!: um guia para pais de adolescentes* (Editora Nova Fronteira). "Quando descobrem que o filho fumou maconha na festa de sábado, alguns pais amplificam a questão e tratam o garoto como se fosse um traficante", diz. Para ela, uma medida exagerada pode levar o filho a



Extraído do site: http://oglobo.globo.com/fotos/2009/04/21/21_MHG_menores_durante_visitapaes.jpg - Foto: Marco Antônio Cavalcanti - O Globo



Foto extraída do site: <http://odia.terra.com.br/porta/brasil/fotos/09/05/22>

ficar por muito mais tempo no universo das drogas. Rejeitado em casa, ele pode buscar lugares onde seja mais aceito – ainda que esses locais coloquem sua vida em risco. “Pais que adotam esse discurso dogmático, sem muita relação com a realidade, tendem a se afastar dos filhos e ficar desacreditados por eles”, diz Lulli.

“A maior parte das pessoas faz uso consciente de drogas ilícitas da mesma forma que muitas pessoas usam álcool”, diz o antropólogo Edward MacRae, que também é pesquisador do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). “Eu frequento lugares em que vão jovens. Vejo que usam maconha, e isso não afeta seu desempenho de forma tão perceptível como ocorre com o álcool”. Nem todo usuário esporádico, porém, é capaz de abrir mão do consumo quando bem entender. “O uso recreacional é como uma roleta-russa”, diz Ruben Baler, pesquisador do Instituto Nacional sobre Abuso de Drogas (Nida, na sigla em inglês), dos Estados Unidos. Para ele, é impossível saber de antemão se alguém se tornará dependente ou não. O uso de drogas como válvula de escape aumenta na proporção da incapacidade dos jovens de aceitar a frustração. Mas muitos usuários não percebem o quanto a droga se tornou parte de sua rotina até que tenham se tornado dependentes.

A melhor estratégia para afastar os jovens das drogas envolve uma abordagem múltipla. Primeiro, a intervenção da família, que não pode se acanhar

ante o problema. Em seguida, vem o tratamento contra a dependência química, a busca de alternativas à droga – que pode ser pela fé ou por um novo propósito na vida – e o apoio comunitário (da igreja, dos amigos, dos grupos especializados como o Narcóticos Anônimos) para manter a pessoa longe do mundo das drogas.

Uma máxima da medicina preconiza que, quanto mais precoce o diagnóstico, mais fácil a cura. O princípio vale também para a dependência química. “Os pais devem se relacionar com os filhos, saber o que pensam, como se divertem”, diz Cláudia de Oliveira Soares, psicóloga e diretora do Grupo Viva, uma rede de clínicas especializadas em tratamento de dependentes de drogas. Para ela, a falta de diálogo é uma constante nas famílias que procuram tratamento. A falha na comunicação pode impedir que os pais percebam o problema nas fases iniciais. Além da incapacidade de fazer um diagnóstico cedo, ela leva a outras dificuldades para agir. Por falta de informação, preconceito ou incapacidade de enxergar a dureza da realidade que está ali, muitas famílias não sabem a quem recorrer. Ou não admitem a ideia de que a dependência seja uma doença crônica. “Eles demoram a procurar tratamento, costumam responsabilizar as companhias dos filhos ou tratar o problema como uma questão moral, de sem-vergonhice ou falta de autoestima do dependente”, diz a psiquiatra Maria de Fátima Rato Padin, especialista em dependência química e diretora clínica da assistência ambulatorial da Unifesp. “A pesquisa

mostra que a busca por ajuda especializada fica no mesmo nível da busca de ajuda na religião”, diz Maria de Fátima. “É como se você tivesse diabetes e procurasse um padre para se tratar”. Para piorar o quadro de desnorreamento, a pesquisa mostra que 61,6% delas nunca ouviram falar nos Centros de Atenção Psicossocial de Álcool e Drogas (Caps), o serviço público destinado ao tratamento de usuários de drogas. “São famílias que lutam há pelo menos cinco anos contra a dependência química e desconhecem o principal serviço público de tratamento”.

Como chegamos a esse ponto? E o que fazer a partir daqui? A dependência química é uma doença reconhecida pela Organização Mundial da Saúde. Não tem cura e não há remédios que evitem recaídas. Por isso os dependentes precisam de acompanhamento constante de psiquiatras, psicólogos e, principalmente, da ajuda das famílias (*leia o quadro na próxima página*). Com o crack parece não haver meio-termo. Até quem sempre se mostrou liberal em relação à descriminalização de outras drogas é contrário à tolerância com o consumo desse derivado da cocaína. O cantor Caetano Veloso afirmou que “deixou os pensamentos sobre legalização para mais tarde”, por acreditar na prioridade do combate ao crack. O deputado Fernando Gabeira, candidato ao governo do Rio de Janeiro e defensor da liberação das drogas, defende uma campanha de combate ao crack. Com razão: a droga já responde pela maioria das internações de dependentes no Brasil. “Há três anos havia mais usuários de cocaína, álcool ou maconha. Hoje, quase 100% são viciados em crack”, diz Cláudia de Oliveira Soares, diretora da Clínica Terapêutica Viva, de Piedade, uma das maiores do interior paulista.

No primeiro simpósio sul-americano sobre o combate às drogas, ocorrido no começo de maio, em Belo Horizonte, secretários de saúde, políticos e especialistas se reuniram para debater os efeitos do crack nas grandes cidades. A maioria defende a prioridade no combate a essa droga. “Ele é diferente de todas as outras que conhecemos”, diz o sociólogo Flavio Saporì, coordenador do Centro de Estudos e Pesquisa em Segurança Pública da PUC de Minas Gerais. “Profissionais da área de saúde e funcionários de clínicas estão atônitos”.

O principal atrativo do crack é a relação custo-benefício: paga-se pouco para ter uma sensação de euforia muito mais potente. Há também o problema do consumo precoce, diz o psiquiatra Sergio Seibel, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: “Como os jovens estão usando drogas cada vez mais cedo, chegam ao crack antes dos 20 anos, porque não se satisfazem mais com as outras drogas”. Solange Nappo, pesquisadora que há 20 anos estuda como o crack se espalhou entre a população, afirma que os usuários de classe média evitam comprar a droga diretamente do traficante. Usam serviços de “mula” ou “aviõezinhos”: garotos pobres que entregam as pe-

A droga nas famílias

A pesquisa mais abrangente feita no Brasil sobre o impacto da dependência na vida dos parentes entrevistou 500 familiares de dependentes e descobriu que:

Em **78%** das famílias, a descoberta da dependência e do uso é feita por alguém do núcleo familiar (pai, mãe, irmãos).

Em **61%** dos casos são as mulheres (mães ou esposas) que procuram ajuda, tratamento.

Em **70%** dos casos o problema ultrapassou o núcleo familiar de mãe, pai e irmãos e afetou parentes mais distantes, como tios, primos e pessoas ligadas aos dependentes, como namorados, sogros e cunhados.

66% acreditam que a dependência química começou por causa de fatores externos à família, como más companhias e baixa autoestima.

36% baixa autoestima.

30% más companhias.

61% das famílias não conhecem e nunca ouviram falar no Caps-AD, o Centro Especializado em Tratamento de Drogas do Ministério da Saúde.

Na busca de ajuda, familiares atiram para todos os lados e tentam soluções como:

56% internação e/ou

54% psicólogos e/ou

50% religião e/ou

31% psiquiatras

Crack

O começo do fim



Imagem extraída da campanha "Crack nem pensar" do grupo RBS. Fonte: <http://colunistas.ig.com.br/cip/2009/06/01/grupo-rbs-lanca-campanha-contra-o-crack/>

dras em troca de dinheiro para financiar o próprio vício. Também se tornou cada vez mais popular o serviço do disque-droga, entregue até por motoboys. "A classe média se autoprotége e se expõe menos que a classe pobre", diz Solange. A redoma protetora, porém, se quebra conforme o consumo aumenta. "O crack afeta a região frontal do cérebro, responsável pelo pensamento, pelo planejamento, controle dos impulsos", afirma Ronaldo Laranjeira. "Por isso os usuários ficam violentos e impulsivos". Em pouco tempo, os viciados passam a viver em função do crack. O dependente se isola e usa todos os seus recursos no consumo. Quando o dinheiro acaba, começam as dívidas e os roubos. A impressão de que os usuários têm origem social pobre é falsa. O

crack é que empobrece os usuários. "Rapidamente eles se marginalizam", diz Solange.

O Ministério da Saúde estima que 600 mil pessoas sejam dependentes de crack. Mas alguns estudiosos calculam que o número de viciados seja o dobro. A última pesquisa de abrangência nacional sobre o consumo de drogas no Brasil foi feita em 2005, pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), da Unifesp. Há cinco anos – quando o crack ainda não havia se alastrado – 0,7% da população entre 12 e 65 anos dizia ter provado a droga. Para efeito de comparação, segundo critérios da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil tem uma "epidemia concentrada" de aids. O índice de infecção pelo HIV na população de 15 a 49 anos é de 0,6%.

A recente série de casos violentos relacionados ao crack levou o presidente Lula a anunciar o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack, com investimento de R\$ 410 milhões. Trata-se de um incremento ao plano anunciado – e não cumprido – em junho de 2009 pelo Ministério da Saúde. A ideia é dobrar o número de leitos para dependentes químicos em hospitais do SUS para 5 mil. Estão previstos também novos Centros de Atenção Psicossocial e a transformação dos 110 centros atuais em unidades abertas 24 horas por dia. ◆

Fonte: Matéria extraída da Revista Época, 14 de junho de 2010.



Extraído do site: <http://www.cmme.eb.mil.br/.../2007-08-13/Ima1and.jpg> – Fotos: FC Aldo

OS EFEITOS DO CRACK

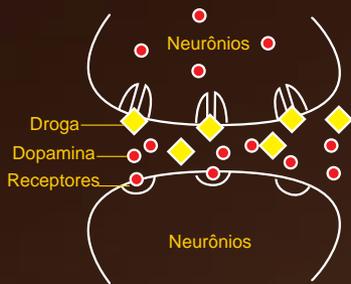
O caminho da droga até o cérebro e sua ação devastadora no organismo



Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira

Trajeto da droga

- 1** Mistura da pasta de cocaína com água e bicarbonato de sódio, o *crack* é vendido na forma de pedras e fumado em cachimbos.
- 2** Uma vez acesa, a pedra libera uma fumaça que é cocaína pura, em alta concentração. Inalada, vai direto para os pulmões.
- 3** Pelos alvéolos pulmonares a fumaça cai na circulação sanguínea e chega ao cérebro. Em apenas 12 segundos, a baforada chega até o sistema nervoso, onde começa a fazer o efeito.
- 4** No sistema nervoso central, o *crack* age sobre os **neurônios** e bloqueia a absorção do neurotransmissor responsável pela sensação de prazer, a dopamina. Isso mantém a substância química por mais tempo no espaço entre os neurônios, o que causa um aumento das sinapses prazerosas provocadas pela dopamina.



As sensações do crack

Com a concentração anormal de dopamina estimulando os **receptores do cérebro**, as primeiras sensações são descritas como um relâmpago, o “tuim”, na linguagem dos usuários, seguida de **taquicardia**, euforia, desinibição,

agitação e bem-estar. A alegria dura pouco. O *crack* é distribuído pelo organismo por meio da circulação sanguínea.

A droga é metabolizada no **fígado** e **eliminada** na urina. Em 10 a 15 minutos o cérebro “percebe” o excesso de receptores e reduz sua quantidade. As sinapses tornam-se lentas: é a fase da depressão e da “fissura”, a vontade incontrolável de sentir os efeitos do *crack* de novo.

O uso prolongado do *crack* **danifica a área frontal** do cérebro, responsável pelo planejamento, pensamento e controle dos impulsos. Por isso o usuário de *crack* tende

a ser violento, desorganizado e, em um estágio mais avançado do consumo, relapso com sua higiene pessoal.

Números

O Brasil tem entre **600 mil e 1,2 milhão** de viciados em *crack*

A idade média para início do uso da droga é 13 anos

Em 2002, a Unifesp rastreou 131 usuários de *crack* tratados em São Paulo. Apenas **33%** ficaram limpos, **20%** morreram, **17%** fumavam *crack* e **10%** estavam na cadeia. Os outros **20%** sumiram.

Em entrevista à Revista Appai Educar a Assistente Social Janete Abbud John fala sobre a política de enfrentamento realizada pelas autoridades no combate ao crack, e como os Centros de Assistência e Tratamento podem ajudar os usuários e seus familiares na superação deste problema



O uso do *crack* tem sido núcleo de discussões nos diversos segmentos políticos da nossa sociedade. De acordo com o decreto 7.179, de maio de 2010, fica instituído o Plano Integrado de Enfrentamento ao *crack* e outras Drogas, com vistas à prevenção do uso, ao tratamento e à reinserção social de usuários. Representantes dos poderes públicos Federal, Estadual e Municipal, associações de classe, organizações sociais, entidades da iniciativa privada, acadêmicos e a comunidade em geral têm se unido a fim de apontarem ações e políticas mais eficazes nas áreas da prevenção e do tratamento e da ressocialização dessas pessoas. De acordo com especialistas, os prejuízos são grandes e dolorosos, tanto para os que passam pela experiência do uso, como para os que são afetados direta ou indiretamente por essa vivência. A questão, portanto, passa a ser de responsabilidade coletiva, pois não se trata apenas do uso comprometido da droga, mas das repercussões geradas por este ato.

Revista Appai Educar – O *crack* pode ser considerado a droga mais perigosa da atualidade?

Janete Abbud – O uso de *crack* é, sem sombra de dúvidas, bastante perigoso. Além de ser uma droga cuja composição é feita de “restos” (sobra do material que não foi aproveitado no refino da cocaína, substâncias voláteis e bicarbonato para cristalizar), ela provoca efeitos instantâneos nos que a consomem, agindo diretamente no sistema nervoso central.

Revista Appai Educar – O que a família deve fazer ao desconfiar que um familiar pode estar fazendo uso do *crack*?

Janete Abbud – Primeiramente certificar-se de que suas desconfianças procedem. Para isso, é imprescindível a proximidade. A descoberta de que um familiar está usando drogas gera um desconforto, uma sensação de impotência que pode parecer, a princípio, que a única forma de “salvá-lo” seria isolando este sujeito das “tentações”. Os prejuízos são grandes e dolorosos, tanto para os que passam pela experiência do uso, como para os que são afetados direta ou indiretamente por essa experiência. Experiências anteriores demonstraram que o isolamento em muito pouco contribuiu para a reabilitação dos sujeitos e que enfrentar o problema podendo contar com o apoio de todos resulta numa responsabilização do indivíduo sobre seus atos e consequências.

Revista Appai Educar – Qual a parte mais difícil do tratamento?

Janete Abbud – Todas as fases do tratamento são grandes desafios. Tanto a fase inicial quanto a manutenção do tratamento têm sua cota de dificuldade. Mesmo quando o sujeito diz querer parar de usar alguma substância, nem sempre este é seu desejo real. É preciso lhe dar condições de refletir sobre o que diz, sobre o que precisa e sobre o que verdadeiramente quer. Também, às vezes, o sujeito inicia o tratamento não por demanda espontânea, mas por solicitação da justiça, do patrão ou de um familiar. Não se percebendo precisando de ajuda profissional, o tratamento não tem como acontecer.

Revista Appai Educar – O uso do *crack* beira a níveis epidêmicos. Quais são as políticas de combate

adotadas pelas autoridades para interromper esse processo?

Janete Abbud – Os índices são elevados e por conta disso algumas medidas emergenciais têm sido providenciadas. Por determinação do Ministério da Saúde, a prioridade de atendimento aos usuários de *crack* ou outras drogas é de caráter ambulatorial. Os Centros de Atenção Psicossocial (Caps) destinados para este atendimento específico foram ampliados. No município do Rio de Janeiro, temos 3 Caps-AD: Raul Seixas, no Engenho de Dentro; Mané Garrincha, no Maracanã e o Centra Rio, em Botafogo. São Centros de Atenção Diária com a função de assistir de forma integral os usuários de drogas, sem segregá-los do seu convívio familiar, profissional etc. No entanto, para os casos em que a internação é considerada importante pela equipe técnica que acompanha o caso, o Estado possui 3 clínicas especializadas: Michele de Moraes, em Santa Cruz; Ricardo Iberê Gilson, em Valença, e Nise da Silveira, em Barra Mansa.

Revista Appai Educar – Os tratamentos oferecidos são eficazes para a reabilitação dos usuários?

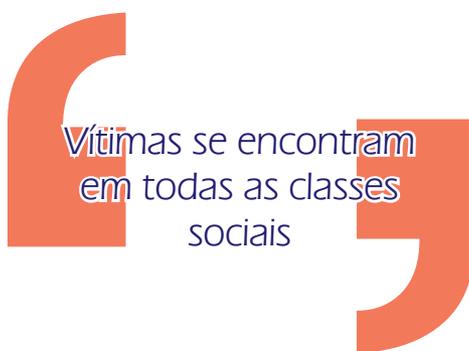
Janete Abbud – É importante destacar que nenhuma pessoa é igual a outra e que a experiência do uso da droga também vai diferir de um sujeito pra outro. Em respeito à diversidade dos sujeitos, a abordagem utilizada para tratar dos sujeitos deve levar em consideração esta especificidade. Existem abordagens que exigem a abstinência desde o início do tratamento, outras que a buscam no decorrer do mesmo. Existem pessoas que respondem bem à primeira opção, outras que, se a abstinência for determinante, nem o tratamento iniciam.

Revista Appai Educar – A pessoa que usa *crack* pode voltar a ter uma vida normal?

Janete Abbud – A pessoa que já passou pela experiência do uso de *crack* e decide parar certamente se confrontará com algumas dificuldades em retomar sua vida anterior. Entretanto, esta não é uma condição exclusiva de quem usa ou de quem

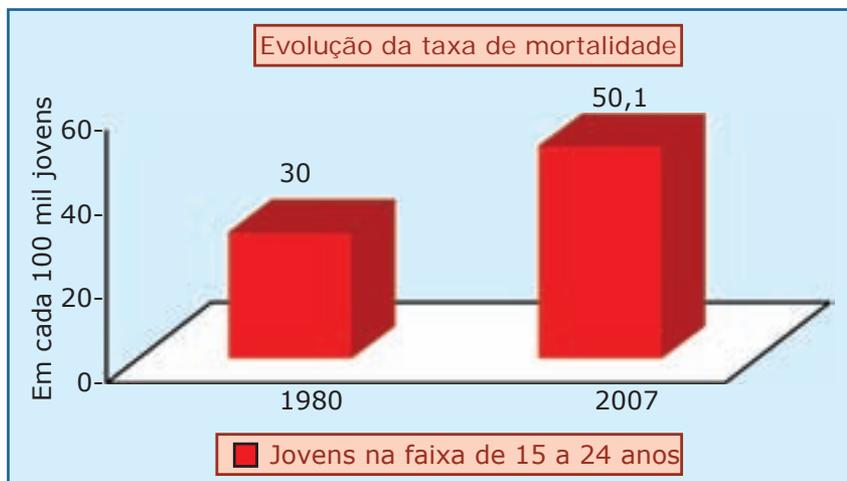
avalia a relação que o sujeito estabelece com a droga e por quê?

Janete Abbud – Para o Programa de Estudos e Assistência a Usuários de Drogas (Projad), as drogas sempre existiram e continuarão existindo em nossa sociedade. A droga é um problema na vida do sujeito quando, com ela, se começa a estabelecer uma relação problemática. O Projad adota uma abordagem que respeita as escolhas e decisões do sujeito, baseada na estratégia de redução de danos. Nesta visão, o respeito às diversidades é preservado, além de ampliar a acessibilidade do sujeito ao tratamento, uma vez que não é exigido, de imediato, que a pessoa abstenha-se radicalmente do uso das drogas para poder tratar-se. A decisão de parar ou continuar usando drogas é pessoal. Nós oferecemos instrumentos para que o sujeito possa pensar e avaliar sobre os motivos que o leva a querer preservar, aumentar, diminuir ou suspender o uso de drogas. Essa é a maneira como o Projad intervé, além da assistência médica e suporte assistencial que também agem no sentido de amenizar os conflitos que possam estar provocando tensões no sujeito.



já usou *crack*. Qualquer pessoa que tenha passado por alguma experiência na vida, ao decidir mudar seu padrão de conduta, enfrenta dificuldades em retomar a vida anterior e, por mais que tente voltar ao que era antes, nunca conseguirá que ela seja integralmente igual.

Revista Appai Educar – Como o Programa de Estudos e Assistência a Usuários de Drogas (Projad)



Dados extraídos do relatório do Mapa da Violência 2010

Gráfico: Luís Fernando de Sant'anna

O dia todo na escola

Rede Municipal implanta modelo de horário integral

Tony Carvalho

Com uma rede municipal de ensino composta por cerca de 66 mil alunos, 99 das 124 escolas de Nova Iguaçu já implantaram as atividades do horário integral, programa considerado modelo pelo Ministério da Educação e que já conquistou cinco prêmios nacionais. Graças ao programa, os alunos do 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental permanecem na escola durante 9 horas diárias e os alunos do 6º ao 9º, por sete horas. Além do ensino regular, todos têm atividades extracurriculares como esporte, reforço escolar, oficinas de cultura, dança, dentre outros.

A Escola Municipal Professora Venina Correa Torres, localizada no bairro Califórnia, é uma das instituições beneficiadas com o programa, iniciado em 2004. Os 924 alunos da instituição participam, no contraturno, de atividades divididas em três grupos: acompanhamento pedagógico (reforço de aprendizagem, meio ambiente e informática educativa); esporte e lazer (recreação e atividades esportivas); e cultura e arte (atividades culturais com brincadeiras populares, oficinas de *hip-hop*, dança, coral, rádio, entre outras atividades).

A diretora da escola, professora Elienai da Silva Gandra, cita alguns exemplos que comprovam os pontos positivos do programa: “Temos experiências ótimas, como no caso das meninas do grupo de balé, que tiveram a autoestima melhorada e já demonstram uma outra postura em sala de aula. Outro exemplo é o de um aluno que apresentava sérios problemas de aprendizagem. No horário integral, participan-

A horta é uma das muitas oficinas oferecidas aos alunos na escola. As atividades ligadas ao solo representam uma forma de aprendizado saudável e criativo



do das atividades com outros estudantes, detectamos que sua dificuldade estava diretamente ligada ao relacionamento com outras pessoas, já que, como seus pais passavam o dia no trabalho, ele ficava em casa sozinho. À medida que aumentou a interação com as outras crianças, durante as atividades do contraturno, o rendimento dele passou a melhorar consideravelmente”, relata.

As crianças que participaram do projeto desde o primeiro segmento do Ensino Fundamental apresentam uma outra postura quando chegam ao segundo. “A mudança do 5º para o 6º ano, quando o aluno deixa de ser uma criança e passa a ser um adolescente, costuma trazer transtornos. É a fase em que as glândulas hormonais passam por transformações. Contudo, verificamos que os alunos que estão conosco desde o 1º ano conseguem passar por essas mudanças de uma forma mais amena. Eles são mais concentrados no que fazem e são mais cooperativos”, destaca a diretora. A professora Raquel Linhares de Lima é uma das educadoras envolvidas no programa de educação



O horário integral possibilita o desenvolvimento de múltiplas inteligências. As alunas do 4º ano são um exemplo de talento descoberto para as artes. Elas superaram obstáculos e hoje se destacam em hip-hop, balé e jazz



integrada. Ela trabalha com mesas educativas – computadores acoplados a mesas com painéis equipados de sensores que emitem luzes. Essas luzes penetram em cubos e são decodificadas pelos computadores, possibilitando a interação com os alunos. “A proposta é estimular, de forma lúdica, a leitura e a escrita. Com as mesas educativas também é possível realizar atividades de raciocínio lógico, matemática, figuras geométricas, cores, direções e grandezas”, explica a professora.

A coordenadora de aprendizagem do programa horário integral no Venina, professora Daniele Oliveira, explica que os instrutores das oficinas aplicam de forma lúdica o conteúdo ensinado em sala de aula, o que contribui para o desenvolvimento do aluno. “Para despertar habilidades é preciso, antes de tudo, reconhecê-las e é sob esse aspecto que o programa desempenha o seu papel, ampliando conhecimentos e formando cidadãos críticos”, afirma.

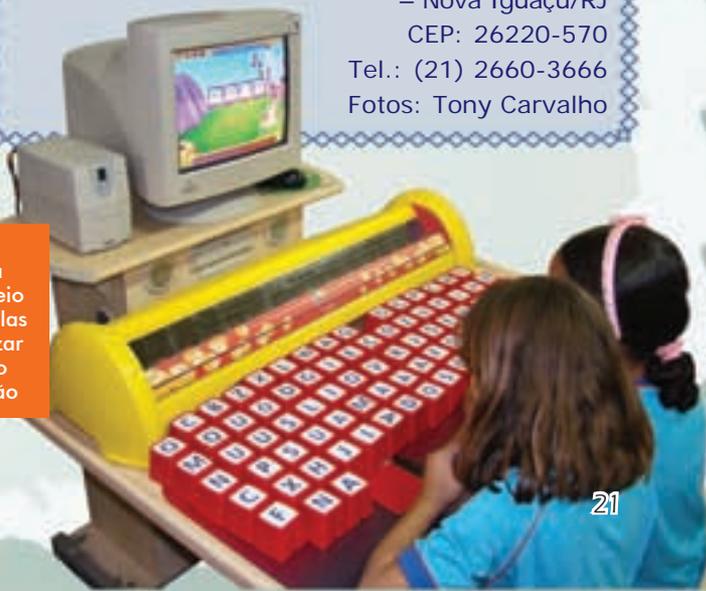
Atualmente, a escola oferece oficinas de xadrez, dança, música, jornal, rádio, horta, coral, pintura, laboratório de Ciências, história em quadrinhos, esportes, atividades culturais, informática educativa, além de reforços em Língua Portuguesa e Matemática. O espaço físico da escola é complementado por uma rede de parceiros que a instituição de ensino estabelece no bairro. No caso da escola Venina, os parceiros atuais são a igreja católica, a evangélica Vida Plena e a escola municipal de dança. Maicon Queiroz ensina dança a alunas do 4º ano. Ele se entusiasma ao falar das crianças e do programa de educação integral. “As meninas são exemplo de dedicação. Elas superaram obstáculos e hoje se destacam em hip-hop, balé e jazz. Essas descobertas se devem às atividades extrassala de aula, que ajudam a revelar talentos em diferentes áreas”, diz.

Outra atividade de contraturno estimula a leitura e a escrita por meio de mesas educativas. Nelas também é possível realizar atividades de raciocínio lógico, razão e proporção

Outro colaborador do programa é Felipe Vieira, monitor da horta. Segundo ele, o contato com a terra faz as crianças aprenderem a valorizar os alimentos naturais. “As atividades ligadas ao uso do solo, tais como revolver a terra, semear, regar e colher não só constituem ótimo exercício físico como representam uma forma de aprendizado saudável e criativo”, ensina. A orientadora pedagógica Ana Paula Simões da Mota e a diretora adjunta Célia Regina Sant’anna Zanardi também contabilizam os bons resultados do programa. Segundo Ana Paula, 90% dos pais trabalham fora e as crianças costumavam ficar em casa ociosas. “Com o horário integral, elas praticam atividades diferenciadas que ajudarão na sua formação como cidadão”, completa. Já Célia Regina lembra que, além da aprendizagem, o fator alimentação é outro ponto forte do programa. “As crianças, hoje, estão melhor nutridas e, assim, podem render muito mais”.

No mês de julho, a Escola Venina deu mais uma prova de que o programa de educação integral vai de vento em popa. A instituição inaugurou uma sala exclusiva para os alunos, instrutores e estagiários. O espaço ganhou o nome da professora Wilma Del Guerso, considerada a madrinha do programa na escola, já que ela foi uma das primeiras a defender a inclusão do horário integral. Atualmente, Wilma dirige outra unidade escolar de Nova Iguaçu, mas, diante da placa com seu nome, não escondeu a emoção. “É gratificante ver uma semente que foi plantada tempos atrás germinar e produzir frutos, não só do meu trabalho, mas da credibilidade e do empenho de todos”, concluiu.

Escola Municipal Professora Venina Correa Torres
Rua João Batista Rodrigues, 182 – Bairro Califórnia
– Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26220-570
Tel.: (21) 2660-3666
Fotos: Tony Carvalho





Um passeio pelos continentes

Tony Carvalho

A cada quatro anos, o país inteiro volta seus olhos para a maior competição de futebol do planeta. Este ano não foi diferente. Seja em casa, no trabalho ou na escola, o assunto mais debatido no primeiro semestre foi a Copa do Mundo. Aproveitando o gancho, a Escola Municipal Ary Barroso, em Cordovil, escolheu esse tema como o eixo condutor da quinta edição da sua Exposição Cultural.

Cada turma do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental ficou encarregada de abordar um país: sua cultura, seus aspectos históricos e geográficos, comidas típicas e curiosidades do seu povo. Durante a exposição dos trabalhos, foi possível ver em cada estande o resultado de muita pesquisa e determinação

dos alunos. “O objetivo é promover o enriquecimento cultural dos jovens, mas também ampliar a capacidade de pesquisa e a curiosidade sobre outras culturas. No bojo de todo esse envolvimento cultural, ocorre a integração entre a comunidade escolar, envolvendo alunos, responsáveis e professores. Nosso maior objetivo é, sem dúvida, proporcionar um ambiente de troca e harmonia entre os estudantes e instigar o desejo pelo saber, incentivando a prática da pesquisa, análise e síntese de informações”, justifica Fátima Macedo, professora de Geografia e coordenadora da exposição.

A mostra tem início no começo do ano letivo, quando são estabelecidos grupos de trabalho em todas as turmas. As tarefas são distribuídas e as

regras para a elaboração do projeto são comunicadas. Tudo é feito com bastante antecedência, a fim de dar ao aluno tempo hábil para a pesquisa e montagem dos cartazes, maquetes e outros meios de apresentação das tarefas. Segundo Fátima, os trabalhos são tão marcantes na escola, que os próprios alunos cobram, no início do ano letivo, a realização das exposições.

“Procuramos envolver todas as disciplinas. Nesta exposição, a avaliação visual foi feita pela professora de Artes Cleusa Maeda e a avaliação de postura e desempenho oral, pela professora Claudia Paiva, de Língua Portuguesa. Na feira da cultura, que acontece no final do ano, outras disciplinas participam da avaliação, o que torna o trabalho interdisciplinar e amplia a visão do aluno. As práticas de exposições e pesquisas estão presentes em todas as disciplinas, havendo quase todos os meses do ano mostra de trabalhos, o que é muito importante para o amadurecimento do aluno como pesquisador”, esclarece.

A coordenadora pedagógica da escola Rosane Silva comemora os bons resultados obtidos após cada edição da exposição cultural. Segundo ela, os primeiros frutos já são sentidos nas notas dos alunos. Rosane credita o sucesso do projeto à interação dos professores e à dinâmica escolar implementada no processo.

“A escola deve ser um organismo vivo e é isso que buscamos fazer diariamente. A semente da educação deve ser cultivada a longo prazo, mas dá para acompanhar o seu crescimento. Educar é plantar, é modificar alguma coisa. Você vê um aluno que, pelo meio onde vive, muitos dizem não ter mais jeito. Contudo, quando ele descobre a educação, passa por um processo de mudança. Temos alunos oriundos de famílias nessa situação e que hoje já conquistaram medalhas no Cefet (Centro Federal de Educação Tec-

nológica). Cotidianamente, mostramos a eles que o único meio de vencer é através do estudo, buscando fazer o melhor que pudermos e sempre aprimorando as nossas capacidades. Isso é educar”, ensina.

A professora de Matemática Márcia Moutinho observou a evolução dos trabalhos desenvolvidos pelas turmas, desde a elaboração de cartazes até as explanações dos conteúdos pesquisados. “Gostei da forma como os alunos conseguiram ordenar as informações em tabelas e gráficos. Pude constatar aplicações de conhecimentos estatísticos, e a geometria espacial dos estandes também foi bem utilizada”, diz. Para a professora de História Rosane Reinoso, a exposição cultural é um grande estímulo para que os jovens busquem novos conhecimentos e se sintam

parte integrante da escola. “Nós, educadores, somos testemunhas do quanto nossos alunos se desenvolvem com esse projeto. Isso só aumenta a ligação com a escola, fazendo o estudante dar valor ao que constrói”, afirma.

Solidariedade, cooperação, responsabilidade

e espírito de equipe são alguns dos muitos valores detectados pela diretora adjunta Rosângela Ferreira da Silva durante as etapas do projeto. Para ela, o trabalho desenvolvido pelos alunos é uma verdadeira monografia. “A escola tem a missão de construir conhecimento. O nosso papel, como educador, é fazer com que o aluno participe desse processo, aprenda vivenciando, construindo e buscando ocupar o seu espaço plenamente”.



Escola Municipal Ary Barroso
Rua Mendonza, 323 – Cordovil – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21211-180
Tels.: (21) 2274-5698 / 2512-8199
Fotos: Tony Carvalho



Veja todas as fotos da exposição online no site: www.appai.org.br/revistaappaieducar

Arte na escola

Exposição de artistas plásticos no Ciep 327 aproxima alunos do mundo das artes

Tony Carvalho

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. O aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

E foi com o objetivo de estimular o contato dos alunos com obras de arte e com seus autores que os animadores culturais Demétrio Sena e Rodrigo Lobo, do Ciep 327 Pedro Américo, em Magé, promoveram uma exposição com trabalhos dos artistas plásticos João Fiúza e Sônia Monteiro. A coletânea reuniu pinturas, instalações e objetos. Durante 14 dias, alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio experimentaram pela primeira vez a sensação de admirar uma obra de arte e, ainda, ouvir do próprio autor observações sobre a técnica empregada em cada peça.

Mesmo faltando pouco menos de um semestre para concluir o Ensino Médio, o aluno Felipe Gonçalo nunca havia tido a oportunidade de visitar um museu ou um espaço cultural. Diante de cada obra, ele não escondia sua emoção de poder ver e tocar objetos que até então só conhecia virtualmente. Gabriela Ferreira é outra aluna que, faltando poucos meses para finalizar o nível médio, tinha seu contato com a arte restrito ao que a escola tinha podido lhe oferecer.

Segundo Demétrio, o papel do animador cultural numa instituição de ensino é tentar suprir essa ca-





Os trabalhos dos artistas plásticos João Fiúza e Sônia Monteiro serviram de referência para estimular o contato dos alunos com obras de arte



rência cultural, principalmente nas unidades que se localizam distantes dos grandes centros ou que estão instaladas em cidades que não contam com museus, cinemas, teatros ou salas de cultura. “O animador cultural trabalha num âmbito de intervenção multidisciplinar, promovendo parcerias no sentido de intervir no processo de desenvolvimento individual e em grupo. Unimos cultura à educação, promovendo palestras, *shows*, exposições, oficinas de arte e de literatura. Dessa forma, propiciamos o contato do aluno com atividades às quais ele não tem acesso”, justifica Demétrio, que coordena os grupos de animação cultural dos municípios de Magé e Guapimirim.

Para João Fiúza, expor seus trabalhos aos olhares atentos de estudantes que nunca foram a um museu é uma experiência a mais no seu currículo. “Esse contato vai permitir que, de agora em diante, esses jovens passem a ver

com outros olhos aqueles materiais que geralmente ficam no fundo do quintal. Quem sabe, não sairão desse Ciep novos talentos para o mundo das artes?”, indaga Fiúza. Sônia Monteiro é uma artista plástica que transforma sucata em arte. Ela dá vida a objetos encontrados no lixo como gavetas, bandejas e restos de eletroeletrônicos e instrumentos musicais. Sônia se autodefine como impressionista e abstracionista. Além dos trabalhos com reciclagem, ela também é autora de pinturas em telas. Assim como Fiúza, a artista se sente honrada em possibilitar a tantos jovens a primeira experiência “ao vivo” com o mundo das artes. “Ao interagir com as obras de arte, estamos possibilitando a inserção social desses alunos de maneira mais ampla”, complementa.

Para a diretora geral do Ciep 327, professora Alcimar de Almeida Carvalho, a exposição é uma oportunidade ímpar que a escola proporciona aos alunos. “Os nossos jovens não têm contato com a arte nem com a cultura, excetuando o que a escola pode oferecer. A inexistência de espaços culturais faz com que eles não desenvolvam o olhar artístico, tão pouco aflorem suas aptidões para esse tipo de produção. Creio que também é papel da escola disponibilizar atividades culturais para que no aluno desperte o senso artístico”, afirma.



CIEP 327 Pedro Américo
Rosa Angelica, 315 – Suruí – Magé/RJ
CEP: 25925-000
Tel.: (21) 2647-1050
Diretora: Alcimar de Almeida Carvalho
Fotos: Tony Carvalho



Veja todas as fotos da exposição *online* no site: www.appai.org.br/revistaappaieducar

Feira de Ciências

proporciona conhecimento e integração

Marcela Figueiredo

Dedicção total à ciência. Assim foi a rotina dos alunos do Ciep Nação Mangueirense nos dias 8, 9 e 10 de setembro, quando foi realizado o projeto *Feira de Ciências – Biodiversidade e Saúde*. Ao invés de escolher os temas e dizer para os alunos fazerem as maquetes, a escola elaborou uma dinâmica diferente para o que costumamos chamar de “Feira de Ciências”.

O primeiro dia foi reservado para palestras e oficinas com temas variados. Funcionou como uma espécie de congresso, onde a escola dava algumas sugestões de temas e os próprios alunos escolhiam quais iriam assistir. Violência na escola, segurança em casa, reaproveitamento de alimentos, educação sexual e confecção de sabão foram algumas das sugestões. Nos dois dias seguintes aconteceu a exposição dos trabalhos. E o que não faltou foi criatividade. Com algumas regras, é claro.

Primeira regra: os alunos deveriam assistir os trabalhos uns dos outros. Segunda regra: não usar placa de isopor. Terceira regra: caprichar na pesquisa. Foi o que fizeram os alunos Marcos Vinicius, Samuel Alves e Gleison dos Anjos – todos do terceiro ano do Ensino Médio. Como existem poucos estudos no Brasil sobre célula-tronco embrionária, eles utilizaram a Internet para a pesquisa. No dia da exposição estavam com o assunto na ponta da língua.

Para confecção dos trabalhos os alunos utilizaram argila, papelão, bonecas, cartolina, gelatina e até o próprio corpo. Teve aluno vestido de sistema circulatório em prol da ciência. Segundo Elizabete Gomes, o principal objetivo do projeto foi integrar a escola. “Foram sugeridos temas que abordassem todas as disciplinas e convidamos, além de especialistas, pessoas da própria comunidade”, afirma a professora de Ciências.

A participação da comunidade pode ser representada, por exemplo, através da palestra sobre Educação Sexual ministrada por Ana Maria Pina, que, além de pedagoga, é tia de dois alunos e tem filhos que também estudaram no Ciep. Ela já ministrava palestras sobre o assunto para diversos tipos de grupos e, quando foi convidada pela escola, não pensou duas vezes. “Eu sempre estive muito presente no cotidiano dessa instituição, mas quando comecei a estudar Pedagogia passei a vê-la pelo outro lado. Comecei a observar a questão do res-





Na ponta da Língua. Alunos apresentam trabalho à professora durante feira de ciências

gate e buscar maneiras de ajudar a recuperar a autoestima dos alunos. Esse trabalho é uma forma de fazer isso. Na palestra, eu procurei falar de um jeito que eles pudessem refletir sobre o assunto”.

Os trabalhos valem nota no bimestre e uma professora circulava de mesa em mesa para receber a explicação do que foi pesquisado. Eles não se intimidaram. Quando a professora ou algum convidado chegava, assumiam a postura de expositor e falavam sobre o tema escolhido, o processo de pesquisa e o que aprenderam com a atividade.

O trabalho de Camila Stefani, do primeiro ano do Ensino Médio, falou sobre o uso da tecnologia. Durante a pesquisa, ela descobriu como esse tipo de recurso pode atuar em favor do meio ambiente. “Com esse trabalho eu descobri em que medida o diesel polui e o

quanto a tecnologia pode ajudar no desenvolvimento de produtos que não degradem a natureza, como, por exemplo, na produção do biodiesel”, explica a aluna. Alexandre Almeida está no sexto ano do Ensino Fundamental e já sabe dicas básicas para preservar o meio ambiente. “Meu trabalho foi sobre a poluição da água e com ele eu descobri formas de não poluir. O lixo deve ser jogado no lixo!”, exclama o menino.

Para o professor de História Ronisk Bento, a qualidade dos trabalhos foi tão boa que o projeto merece ser levado adiante: “Eu acho que seria

interessante a formação de uma comissão de alunos que possam apresentar para a comunidade os melhores trabalhos”, sugere. Durante três dias, a escola respirou ciência. Falaram sobre biodiversidade, saúde e vivenciaram o respeito mútuo. Foi o momento para os alunos explicarem, professores ouvirem e convidados assumirem o papel de educadores. Depois do trabalho, os estudantes saem com maior conhecimento sobre Ciências; os professores ficam mais confiantes no potencial dos alunos e os convidados se certificam de que a escola é para todos. Seja para ensinar ou aprender.

Ciep Nação Mangueirense – Governador Leonel Brizola
Rua Santos Melo, s/nº – São Francisco Xavier – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20960-030
Tels.: (21) 2332-2414/2332-2415
Diretora Adjunta: Profª Heloisa Maria de Almeida Pires
Diretor: Carlos A. Barbosa
Fotos: Marcelo Ávila



Atividades complementares direcionadas e acompanhadas por profissionais propiciam equilíbrio intelectual aos alunos e desenvolvimento de habilidades nas áreas de cultura, esporte e lazer, além de garantir mais desenvoltura e serenidade nas demais tarefas

Educação em tempo integral

Escola adota projeto federal e ajuda no desenvolvimento dos alunos

Wellison Magalhães

Danças, xadrez, *quizz*, tênis de mesa, não importa, tudo que possa somar no desenvolvimento do estudante do ensino básico a Escola Municipal Casimiro de Abreu, na Baixada Fluminense, tem adotado. Desde 2009, o programa tem ajudado dezenas de alunos, segundo a coordenadora do Programa na escola, a professora Maria José Vieira. “O grande alvo é ampliar o Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica –, que tem apresentado números muito baixos, e combater a evasão escolar.

Para Maria José o programa tem atingido as expectativas, uma vez que as crianças têm evoluído em diversas áreas na vida escolar. O programa exige atividades complementares com o objetivo de também promover o envolvimento da criança com o estudo e oferecer a ela a oportunidade de obter um aproveitamento maior do que se tem em sala de aula.

Este ano, aproveitando o clima de Copa do Mundo, a coordenadora e toda a comunidade escolar realizaram o projeto denominado *Copa Casimiro*. Neste encontro, que durou dois dias, os estudantes tiveram a oportunidade de exercitar o convívio com outros alunos e aplicar, de forma lúdica, o que têm aprendido em sala de aula. Segundo a professora do 3º ano Alice Soares, o programa ajudou as crianças na parte cognitiva e ampliou o gosto pela leitura. Já Maria Cristina, professora do 4º e 5º anos, vê não só na leitura, mas em matérias da área de exatas, que o desenvolvimento foi notório: “eles melhoraram em Matemática e evoluíram até nos relacionamentos. Tudo isso tem ajudado a fazer mais amigos, a serem mais companheiros”. E não é para menos, pois todas as atividades realizadas no *Copa Casimiro* exigiram uma boa dose de companheirismo, já que tudo era feito em grupos.



O projeto consistiu numa amostragem de trabalhos desenvolvidos em sala de aula. Durante uma semana os estudantes participaram de campeonatos dentro da escola, como tênis de mesa, xadrez humano e danças. A parte final do projeto foi a apresentação dos grupos de danças, representando alguns países que estiveram na Copa do Mundo da África do Sul. Professores e alunos escolheram então: Japão, dançando um rock nipônico; a Argentina e seu tango; Portugal com o fado; Inglaterra, com o *rock* dos anos 1960; Itália, com a famosa *tarantella*, e a dona da casa, a África do Sul, com a dança denominada samba sul-africano. Ao ser questionada sobre o motivo da ausência de uma dança típica brasileira, Maria José foi econômica nas palavras: “O Brasil já é do coração!”.

Para estas apresentações, os estudantes utilizaram roupas típicas, músicas apropriadas e se comportaram bem, já que os ensaios para o grande dia foram exaustivos, como afirmou a aluna Sara Silva, de 11 anos: tivemos que ensaiar bastante. As crianças estavam eufóricas com a oportunidade de se apresentar para professores, pais e para os próprios colegas. A aluna Ana Beatriz, do 3º ano, que dançou com o grupo de Portugal, afirmou que aprendeu muito com os professores, e que sonha um dia ser realmente artista. Ao ser perguntada sobre o que pretendia fazer para alcançar esse sonho, a menina de 11 anos respondeu: “Quero estudar!”.

O aluno Matheus Reis, também de 11 anos, do 5º ano, junto com o grupo, dançou a música dos Beatles, a banda inglesa que abalou o mundo nos anos 1960, homenageando a

Inglaterra. Sentia-se feliz também pela oportunidade de participar do projeto através da arte. A motivação na escola, antes, durante e depois da apresentação, era contagiante. A alegria que tomava conta de todos demonstrava o sucesso e a aceitação do programa e do projeto junto a toda a comunidade escolar.

A diretora Virginia Valle Matheus explicou a razão maior de apoiar o projeto: “Os alunos estavam entrando para uma estatística muito ruim, de evasão, de baixo aproveitamento. Quando o projeto passou a ser executado, percebemos a possibilidade de ter um ganho maior na educação formal dessas crianças”. Segundo Virgínia, o trabalho fora da sala de aula tem sido renovador para pais, professores e estudantes, o que tem elevado significativamente o nível de aproveitamento dos alunos.

Se os professores gostam, os alunos vibram, a diretora aprova, os pais, então, nem se fala. Chirleide Ferreira, mãe do aluno Carlos Antonio, de 10 anos, estava eufórica, tirando fotos de tudo com seu celular: “Maravilhoso o programa. Tenho achado ótimo. Como trabalho e estudo, meu filho fica o dia inteiro na escola, com segurança e aprendendo. Pois, além das matérias regulares, eles atuam nas oficinas de letramento, jornal escolar, matemática, xadrez tradicional, tênis de mesa e dança”, orgulha-se Chirleide.

Para Maria José, a Coordenadora do Programa, cada aluno que vence uma de suas dificuldades torna o esforço de todos muito bem recompensado. Afinal de contas a educação tem que ser dada a todos que precisam, mas existem sempre aqueles que necessitam um pouco mais, para atingir os seus alvos.

Escola Municipal Casimiro de Abreu
Avenida Miguel Couto, 619 – Jardim Sumaré – São
João de Meriti/RJ
CEP: 23095-841
Tel.: (21) 2650-3101
Diretora: Virginia Valle Matheus
Fotos cedidas pela escola



Últimas sobre vírgulas

Sandro Gomes*

Nessa edição vamos prosseguir com o nosso estudo sobre o uso da vírgula, trazendo alguns outros casos onde esse elemento deve (ou não) ser usado para que a escrita satisfaça seus objetivos de clareza e comunicabilidade.

Vírgula antes do “porque”

Basicamente dois são os empregos do *porque*: o causal e o explicativo. Como explicativo sempre cabe a vírgula. Ex.: *Não avance, porque pode ser perigoso.*

Repare que o *porque* nesse caso introduz uma oração (*pode ser perigoso*) que tem a função de explicar alguma coisa (*poder ser perigoso* explica a recomendação de *não avançar*). Você pode perceber que o *porque* pode ser nesse caso substituído pelo *que*: *Não avance, que pode ser perigoso.* Mesmo o uso do *que* não sendo aí o mais indicado (é mais característico da linguagem falada ou informal), essa é uma boa maneira de ter certeza de que o *porque* é explicativo e, assim, utilizar a vírgula.

No caso do uso causal, a oração introduzida pelo *porque* indica causa de alguma coisa. Observe: *Não veio ao encontro porque sentiu-se mal.* *Ter-se sentido mal* é a causa no não comparecimento ao encontro. Para tirar qualquer dúvida, é só pedir a ajuda do “*que*” como no caso anterior. *Não veio ao encontro que sentiu-se mal?* Parece que aí não cabe a substituição, não é verdade? Sendo assim, sabemos que nesse caso o *porque* executa a função causal e por isso não cabe a vírgula.

Simples assim? Para dar graça, há casos em que a vírgula pode ser usada mesmo com o *porque* realizando função de causa. Veja o seguinte exemplo:

O governante continuou rejeitando o acordo com os trabalhadores, porque entendeu que as reivindicações eram abusivas. Repare que o *porque* nesse caso expressa causa (não pode ser substituído pelo *que*). Mas imagine usar um período desse tamanho sem dar sequer uma pausa! Assim, cabe o uso da vírgula antes do *porque* com função causal, quando a primeira oração for muito extensa. Nesse caso a vírgula marca uma pausa natural que fazemos ao ler ou pronunciar essa oração.

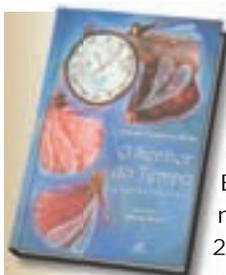
Vírgula indicando omissão de termo

Uma outra função importante da vírgula ocorre quando desejamos suprimir de uma oração um termo que já foi mencionado anteriormente. Acompanhe o exemplo: *Nós somos criaturas do litoral; eles, das montanhas.* Note que depois do ponto e vírgula temos uma oração apesar de não vermos nenhum verbo. O que acontece é que, nessa segunda oração, a ação é a mesma da primeira. Por uma questão de boa escrita, é conveniente evitarmos as repetições desnecessárias e, por isso, suprimimos a ação (*ser criatura*) da primeira oração. É o uso da vírgula que nos permite perceber a ideia verbal, mesmo ela não estando escrita. Eis então mais uma das inúmeras tarefas que esse rico elemento chamado vírgula desempenha na nossa língua.

Em virtude da extensão desse assunto e devido ao interesse que ele tem despertado em nossos leitores, na próxima edição seguimos com mais casos de uso (ou não) da vírgula.

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de revisor da Revista Appai Educar.

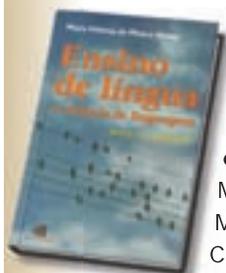
Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



O senhor do tempo e outras histórias

Fabiana Guimarães Rocha
Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Permeado pelos quatro principais elementos da natureza – água, terra, fogo e ar –, este livro leva seus leitores a uma viagem pelo imaginário mundo das fábulas torneadas pelo divino e pelo maravilhoso.



Ensino de língua e vivência de linguagem – Temas em confronto

Maria Helena de Moura Neves
Contexto – Tel.: (21) 3832-5838

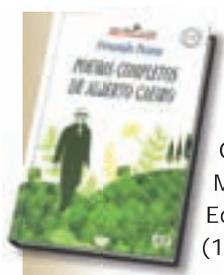
Este livro se destina a todos que se interessam por uma proposta escolar de tratamento da gramática que não se isole da vivência da linguagem, ou seja, que ponha em estudo, realmente, a gramática da língua em função.



O quebra-nozes

Recontado por Júlio Emilio Braz
Editora Salesiana
Tel.: (21) 3867-2319

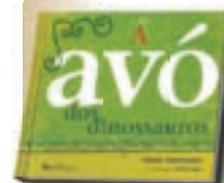
Para Clara não havia época mais feliz do que o Natal. Depois de ganhar um presente inusitado de seu padrinho, e seu irmão quebrá-lo em seguida, a menina só consegue dormir abraçada ao presente, embaixo da árvore de Natal. Mas, de repente, escuta um barulho vindo de todas as direções. E, a partir daí, um mundo de sonhos e encantos nos é apresentado nesta adaptação em versos do célebre balé russo.



Poemas completos de Alberto Caetano

Série Bom Livro
Org. Carlos Felipe Moisés
Editora Ática – Tel.: (11) 3990-2100

Um dos mais prestigiados escritores da Língua Portuguesa no século XX, Fernando Pessoa é também conhecido como o poeta dos heterônimos. Este livro tem por finalidade fazer um recorte no amplo e variado conjunto da obra do autor e concentrar a atenção apenas em Alberto Caetano, um de seus heterônimos.



A avó dos dinossauros

Tonio Carvalho
Imperial Novo Milênio
Tel.: (21) 2525-3936

Vó, você é mais velha que os dinossauros? E ela respondeu: onde eu morava, brincava com as cabras, as galinhas, as minhocas, os passarinhos, as lagartixas, as pererecas, os sapos e também com os lagartos, enormes! – Caramba, vó, então você deve ser mesmo muito velha!



O bicho vai pegar!

Edson Gabriel Garcia
Cortez Editora
Tel.: (11) 3864-0111

Se você é daqueles ou daquelas que gostam de brincar com palavras, então vai se divertir com os poemas deste livro. A galinha que manda e-mail para o galo procurar outra, o desespero da minhoca que não sabe de que lado fica a sua cara, a surpresa da cotia que procura na-

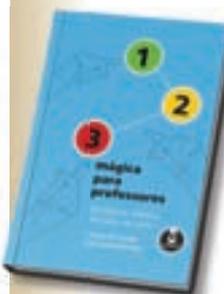
morado, o sapo (cansado de ser o bicho feio das histórias) querendo ser galã, o bicho-papão guloso...e muitos outros versos bicharentos e poemas bichareiros.



Parece que foi ontem

Maria Conceição Santos
All Print Editora
Tel.: (21) 2791-1668

Destinado a um público leitor de todas as idades, este livro está dividido em duas partes: contos e poesias. Na primeira parte traduz, com fidelidade e emoção, os fatos mais marcantes e inesquecíveis das peripécias vividas por quatro adolescentes. Na segunda, não há personagem, pois elas representam a emoção de cada um dos seus leitores.



1-2-3 mágica para professores – Disciplina efetiva em sala de aula

Thomas W. Phelan & Sarah Jane Schonour
Editora Artmed – Tel.: (51) 3027-7000

Professores recebem pouco ou nenhum treinamento formal a respeito da gestão da disciplina em sala de aula. Educadores experientes comentam que, se o comportamento desafiador de alguns alunos não for atenuado, pode-se perder todo o ano letivo. Com precisão e objetividade, *1-2-3 mágica para professores – disciplina efetiva em sala de aula* divulga um método fácil e eficaz amplamente adotado por professores em todo o mundo, capacitando-os a estabelecer e manter o controle das suas salas de aula.

No mundo da imaginação...

O encontro entre Monteiro Lobato e Vinícius de Moraes

Cláudia Sanches

Imagine! Os escritores Vinícius de Moraes e Monteiro Lobato contando histórias e cantando com as crianças e docentes em uma escola. *Canta e encanta, o Hauler recebe Monteiro Lobato e Vinícius* é o nome do projeto que promoveu o encontro entre os autores dos clássicos “A Arca de Noé” e “Sítio do Pica-pau-amarelo” na Escola Municipal Hauler da Silva Ferreira, em Miguel Couto, Nova Iguaçu.

A diretora do colégio, Raquel Paulino, considera a literatura como um investimento fundamental na formação do cidadão. O corpo docente aproveitou a obra desses dois clássicos da literatura infantil para despertar o gosto pela leitura e explorar as disciplinas de forma mais lúdica e eficaz em sala de aula: “Acreditamos que o aluno que sabe ler e escrever, e se torna um leitor, vai longe”, destaca a diretora.

Durante a culminância as crianças da Educação Infantil ao 5º ano apresentaram à comunidade escolar coreografias de várias músicas, reinventadas a partir dos especiais de televisão em homenagem a esses escritores. Pais e responsáveis participaram de todas as etapas e compartilharam o momento com os pequenos artistas.

A abertura do evento, com o 4º ano, levou a mensagem de que a

leitura pode ser uma viagem sem sair do lugar.

Para a professora da turma, Tânia dos Santos, que simplesmente encarnou o ilustre Monteiro Lobato, esse “encontro” simboliza o resgate do prazer na literatura: “Trabalhar com os dois escritores significa prazer, alegria e descobertas”, afirmou Tânia. Para representar a magia da literatura as crianças se tornaram bruxas, duendes, princesas, sapos, sereias e até jogadores de futebol, entre outros personagens do universo infantil.

O programa é aproveitado em sala de aula durante o bimestre, garantem os docentes, o que permite abordar os conteúdos da grade escolar. Cada professor escolhe o tema com que vai trabalhar. A professora Danielle Viana,

que se fantasiou de palhaço e deu suas cambalhotas para se apresentar com o grupo do 1º ano, escolheu a canção “A Foca”, da obra “A Arca de Noé”, porque, além de se tratar de uma temática divertida, estavam trabalhando a letra f na época. Como alguns textos falavam do sertão, a turma entrou em contato com diversos gêneros literários, confeccionou um quebra-cabeças e montou um cartão descrevendo essa região do país.

A música “Emília”, homenageando a eterna boneca de pano de Lobato, foi apresentada com coreografia a partir da música gravada pela cantora Baby Consuelo. “Esperta e atrevida”,



a personagem que saiu de “uma caixa de costura, pano, linha e agulha” deu asas à imaginação da turma do 1º ano: os docentes exploraram a criatividade, a expressão corporal, a comunicação e a invenção de histórias.

Com a poesia “As Borboletas”, de Vinícius de Moraes, o professor Ulisses Amado, do 3º ano, trabalhou meio ambiente em Ciências, com informações sobre a espécie, e Matemática, exercitando as noções de espaço para a coreografia. O grupo apresentou a canção “Aquarela”, eternizada na voz de Toquinho, e os alunos estudaram substantivos epicenos e a construção do texto poético.

A turma da educação infantil, que escolheu “O relógio”, de Vinícius, pôde explorar as horas, os números, o espaço e fez uma bela apresentação: o grupo virou um despertador onde os alunos eram os números e os ponteiros. “Parece um sonho, Monteiro Lobato e Vinícius no nosso sarau. Nem o tique-taque do relógio é capaz de conter a alegria”, diziam os estudantes.

Outra turma do 5º ano fez uma homenagem ao município, com as crianças vestidas de laranja, com o clássico “A casa”. “Enquanto Vinícius nos fala de uma casa que é difícil de imaginar, Lobato nos faz sonhar um reino diferente. O Reino das Águas Claras, onde as cores não têm fim e os seres convivem em pura harmonia”. Sob a orientação dos monitores do programa “Mais Educação”, do governo federal, os alunos foram estimulados a produzir em oficinas de pintura, dobradura, móveis e dança. E, quem diria, o encontro entre os dois escritores... acabou em rap (veja a letra do rap



no site). Os alunos Rodrigo, Renan, Gabriel e Jeferson, do 5º ano, tiveram a ideia de adaptar uma música de Vinícius para esse estilo e escreveram a letra, apresentada na culminância. “A mensagem é a seguinte: deixar a fantasia fluir”, disse Rodrigo. As turmas finalizaram a apresentação com uma coreografia ao som da música “Depende de nós”, de Ivan Lins.

Na avaliação da orientadora pedagógica Hilda Santos, os resultados do trabalho tiveram reflexo nos alunos, com melhor comunicação oral e escrita, mas isso é apenas uma semente. A literatura deu asas à criatividade da garotada e, para que eles alcem seus próprios voos, a ação dos educadores é determinante:

“Depende muito de nós para que as sementes deem bons frutos. Eles precisam não só saber ler, mas ir além das palavras, ler as entrelinhas, ler o mundo. Só assim conseguiremos transformar, aproveitando os talentos que podem fazer a diferença no futuro. Com os autores a escola ficou viva. O corpo discente tem oportunidade de desenvolver suas habilidades e descobrir o seu potencial e mostrar a capacidade de imaginar e ter projetos de vida”, finaliza.



Escola Municipal Hauler da
Silva Ferreira
Rua São Pedro, 108 – Miguel
Couto – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26150-390
Tel.: (21) 2886-6182
Diretora da Escola: Raquel Paulino
Conceição dos Santos
Ilustrações: Luiz Cláudio de Oliveira



4 ideias para tirar o atraso na educação

Sem educação de qualidade, o Brasil não vai conseguir se desenvolver - e um choque positivo na sala de aula está ao alcance do próximo presidente

Roberta Paduan

O americano Eric Hanushek é um dos pesquisadores de educação mais respeitados da atualidade. Doutor em economia pelo Massachusetts Institute of Technology e professor da Universidade Stanford, Hanushek dedica-se a estudar os efeitos da educação no desempenho econômico dos países. Sua obsessão em discutir o tema à luz do rigor científico o levou a conceber uma forma de calcular o impacto da educação no produto interno bruto de cada país. A pedido de EXAME, Hanushek aplicou a fórmula ao caso brasileiro. Os resultados são animadores. A simulação tem como premissa que o Brasil será capaz, ao longo dos próximos 20 anos, de elevar as notas dos estudantes do ensino básico ao padrão de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Se esse objetivo for alcançado – missão considerada perfeitamente possível por Hanushek e uma dezena de especialistas ouvidos por EXAME –, o PIB brasileiro começará a crescer mais rapidamente antes mesmo de a reforma terminar. Supondo que a melhoria da educação começasse em 2012, o ganho adicional acumulado no PIB em 2034 seria de 5% – em valores de hoje, isso representaria uma geração extra de riqueza da ordem de 100 bilhões de dólares. A melhor parte da história é que, após as duas primeiras décadas, quando todos os alunos brasileiros já estariam recebendo uma educação melhor, o acúmulo de riquezas ganharia velocidade. Cinquenta anos depois

A EXCEÇÃO: alunos de escola municipal de Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, uma das melhores do país e exemplo que precisa se tornar regra



Foto: Lailson Santos

do início da reforma, a economia teria acumulado um ganho extra de 40%. Para que se tenha uma ideia do que tal salto representa, se tivéssemos dado um choque educacional semelhante no passado, nosso PIB hoje seria não de 2 trilhões de dólares, mas de quase 3 trilhões – próximo ao da Alemanha. “Os jovens que estão recebendo educação ruim hoje terão menos sucesso profissional individualmente. Mas não é só isso: juntos, eles reduzem a capacidade de crescimento do país”, afirma Hanushek. “A boa notícia é que o contrário também é verdade: quando a educação melhora, o ganho é tanto individual quanto coletivo.”

Riqueza coletiva

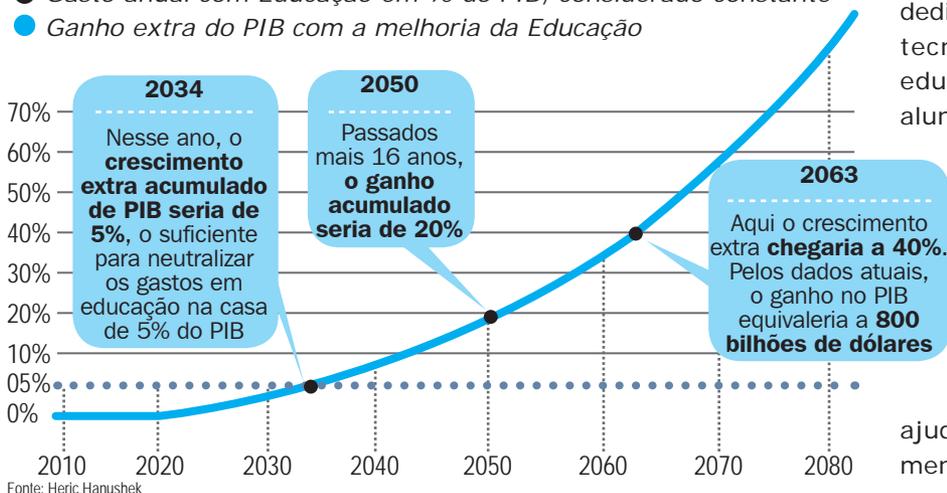
Com o objetivo de elencar as providências para que as escolas brasileiras deem o salto de qualidade almejado, EXAME ouviu mais de uma dezena de especialistas nacionais e estrangeiros. Entre eles, a economista americana Barbara Bruns, especialista em educação do Banco Mundial, que está coordenando uma pesquisa global sobre programas de remuneração por desempenho para professores. Nos dois últimos anos, Barbara se dividiu entre Washington, Recife, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Os resultados da avaliação dos programas de meritocracia farão parte do livro *Achieving World*

Quanto vale a Educação

O Brasil pode aumentar a geração de riqueza caso consiga fazer uma reforma educacional nos próximos 20 anos e colocar os estudantes brasileiros no mesmo nível dos estudantes de países desenvolvidos.

● *Gasto anual com Educação em % do PIB, considerado constante*

● *Ganho extra do PIB com a melhoria da Educação*



Class Education in Brazil – The Next Agenda (Alcançando uma Educação de Padrão Mundial no Brasil), a ser publicado nos próximos meses. Entre as constatações de Barbara, uma surpreende: “O Brasil é um dos laboratórios de experiências educacionais mais extraordinários da atualidade”, diz ela. Segundo a pesquisadora, que já havia analisado as escolas brasileiras no final da década de 80 e em meados da de 90, os avanços nos últimos 15 anos são notáveis – embora a distância ainda seja enorme não só em relação a países ricos mas também aos de renda média. “O Brasil tem iniciativas entre as mais inovadoras do mundo. É preciso agora avaliar cada uma delas para disseminar as que realmente dão resultado”, diz Barbara. A seguir, quatro medidas que devem ser colocadas em prática se quisermos alcançar um nível de educação compatível com um país que deseja chegar ao desenvolvimento.

1 - Acabar com a bagunça curricular

Nove entre dez alunos de escolas públicas não cumprem o currículo previsto para o ano letivo em que se encontram. Também é comum que estudantes da mesma série, mas de classes vizinhas, estudem conteúdos diferentes ao longo do ano. Ambas as situações são consequência de duas realidades que imperam no sistema público de ensino: a falta crônica de planejamento e a visão de que a sala de aula é terreno exclusivo do professor, pouco acostumado à supervisão de diretores e pais de alunos.

“A sala de aula é uma espécie de caixa-preta, que precisa ser aberta”, afirma a secretária municipal de Educação do Rio de Janeiro Cláudia Costin. A estruturação do currículo escolar – com a definição do

conteúdo que deve ser ensinado em cada série – é uma das medidas fundamentais para melhorar a qualidade de ensino no Brasil. Um estudo da Fundação Lemann, dedicada a testar e desenvolver tecnologias de ensino para a educação pública, mostra que alunos de escolas públicas que adotam sistemas de ensino estruturados (que possuem roteiros detalhados do que deve ser ensinado aula a aula) aprendem mais que os de escolas sem currículo definido.

O currículo estruturado ajuda a aumentar o aproveitamento da aula – o aluno perde menos tempo copiando da lousa – e a corrigir falhas na formação dos professores, a maior parte deles egressa do grupo dos 30% com pior desempenho no ensino médio. “A formação dos educadores precisa ser melhorada, mas esse é um problema que não tem remédio imediato e precisa ser contornado”, afirma Illona Becskeházy, diretora da Fundação Lemann. Nesse sentido, os sistemas de ensino ajudam com cadernos que orientam o educador no preparo das aulas. A obrigação de seguir o roteiro também impede que o professor pule lições e faz com que ele se esforce para aprender os conteúdos que não domina. No final das contas, a estruturação do currículo aumenta o controle do trabalho do professor, tanto pelo diretor e por outros professores quanto pelos pais. “Quando todo mundo sabe o que deve ser ensinado e o que deve ser aprendido, fica mais fácil supervisionar, medir e corrigir a rota”, diz Cláudia Costin.

O mesmo para todos

Em 2008, a rede carioca de escolas municipais unificou o conteúdo da 1ª à 9ª série. O currículo foi detalhado e dividido por ano e, em seguida, por bimestre, de maneira que todas as escolas passassem a ensinar o mesmo conteúdo ao mesmo tempo. A etapa seguinte foi a criação de apostilas para cada disciplina, tanto para os alunos quanto para os professores. O trabalho no Rio foi feito por professores da própria rede, sob a coordenação de especialistas contratados para cada disciplina. Atualmente, um grupo de 180 profissionais está finalizando a Educopédia, espécie de biblioteca digital com jogos, vídeos e outras atividades interativas para complementar os currículos do 6º ao 9º ano. O desafio é tornar as aulas mais atraentes para os alunos mais velhos, que começam a entrar na pré-adolescência.

Apesar de parecer uma medida óbvia, a unificação curricular ainda é tema sensível no meio escolar. Sob o discurso de que a escola deve preservar culturas locais, muitos educadores escolhem aulas que dão menos trabalho. Resultado: os estudantes saem do Ensino Médio com lacunas no repertório escolar que lhes será exigido não só nos vestibulares mas também no mercado de trabalho. “O aluno da favela da Rocinha tem de aprender fração, porcentagem e a história das grandes navegações tanto quanto os alunos das escolas mais caras do Rio de Janeiro”, afirma Cláudia. Talvez essa seja a mais eficiente maneira de promover justiça social.

2 - Diagnosticar, planejar, medir

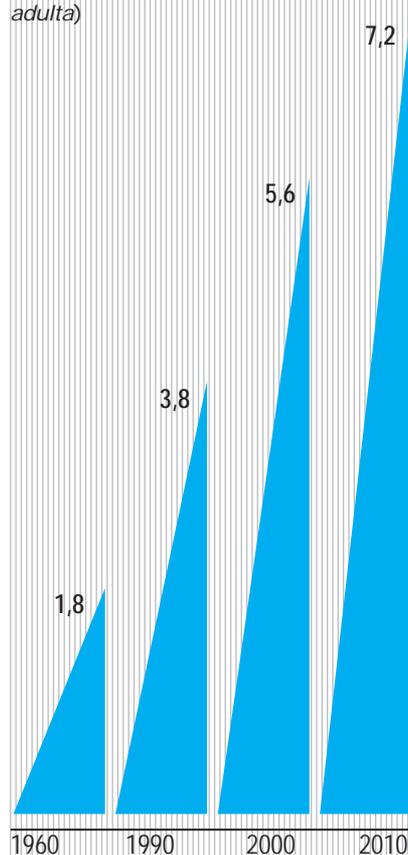
Há dois consensos entre especialistas em educação. Primeiro: o Brasil investe pouco em educação. Segundo: não adianta colocar mais dinheiro nas redes de ensino sem que elas passem por uma mudança profunda de gestão. “Investir mais sem mudar a maneira de administrar é quase o mesmo que jogar dinheiro no lixo”, afirma Cláudio Ferraz, professor de economia da Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro. O estado de Minas Gerais foi o primeiro a adotar o planejamento estratégico com sistemas de avaliação de desempenho de alunos e de metas de melhoria do ensino. Em 2006, um teste constatou que 31% das crianças mineiras com 8 anos tinham baixíssima proficiência em leitura. De lá para cá, o processo de alfabetização da rede pública foi reformulado e a taxa caiu para 12%. “Só com bons diagnósticos e clareza de aonde se quer chegar é

Melhorou, mas ainda é sofrível

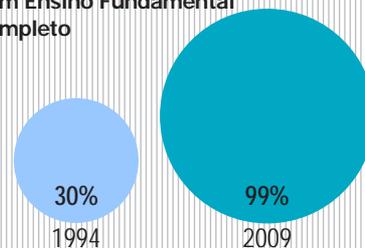
O Brasil conseguiu avanços relevantes em Educação nos últimos 15 anos,

A escolaridade evoluiu bastante...
(média de anos de estudo da população adulta)

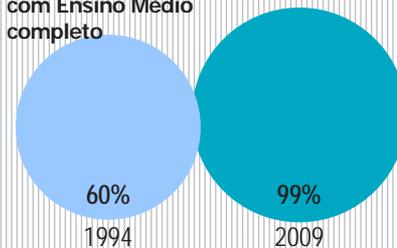


...e a formação dos professores também

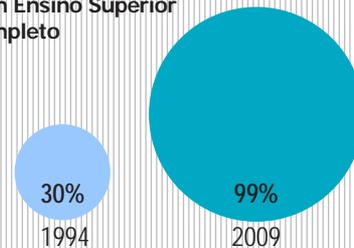
Proporção de professores com Ensino Fundamental completo



Proporção de professores com Ensino Médio completo



Proporção de professores com Ensino Superior completo



(1) Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, que testa jovens de 15 anos.

que conseguimos definir as ações cotidianas. São esses passos curtos que nos levam às transformações de longo prazo”, afirma Vanessa Guimarães, secretária de Educação de Minas Gerais.

Em Pernambuco, chama a atenção a prestação mensal de contas exigida pelo governador Eduardo Campos. Por trás da reunião há um detalhado sistema de informações que parte da sala de aula. São indicadores que vão do número de faltas de professores

e alunos ao percentual de classes que estão em dia com o currículo por série (que foi unificado em 2007). A apresentação feita pelo secretário de Educação ao governador inclui até a exibição de fotos que mostram as reformas em escolas. O levantamento da situação é realizado por 1.500 técnicos de gestão, treinados para coletar as informações e alimentar um banco de dados. Parte dos dados é extraída diariamente do livro do professor, elaborado para

Foto extraída do site: <http://dilmadopt.blogspot.com/>

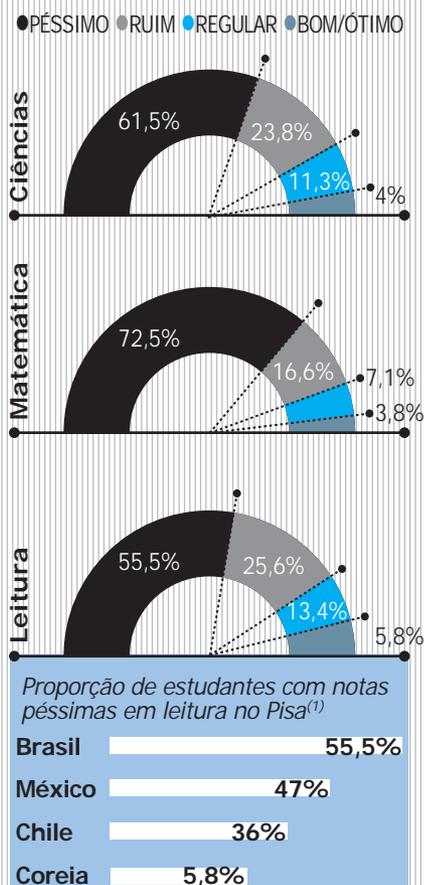


CONTROLE: para Mota, secretário de Educação de Pernambuco, gestão depende de monitoramento da informação

porém a qualidade continua bem abaixo da média de outros países

No entanto, a qualidade do ensino é muito ruim

(distribuição dos alunos brasileiros por notas no teste Pisa⁽¹⁾)



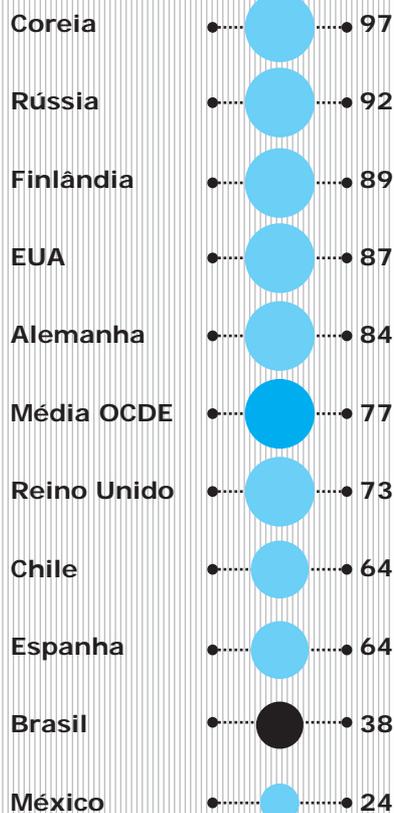
Proporção de estudantes com notas péssimas em leitura no Pisa⁽¹⁾

Brasil	55,5%
México	47%
Chile	36%
Coreia	5,8%

Fonte: Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), Education at a Glance 2007 (OCDE) e Barro-Lee (2010)

O resultado é uma força de trabalho pouco preparada para as exigências atuais

(população de 25 a 34 anos com pelo menos Ensino Médio completo em %)



que eles preencham exatamente o que a secretaria quer monitorar. “A boa gestão depende do acompanhamento sistemático de informações de qualidade”, diz Nilton Mota, secretário de Educação de Pernambuco.

3 - Pagar mais aos melhores

Na última década, pesquisadores começaram a quantificar a importância individual dos professores no processo de aprendizado dos estudantes. Uma das conclusões é que alunos de professores ruins terminam o ano sabendo metade ou menos do conteúdo que deveriam dominar. “Professor bom é aquele que faz a classe aprender muito. Professor ruim é aquele que faz a classe aprender pouco”, diz o economista Eric Hanushek. Segundo ele, premiar os melhores é um caminho obrigatório para estimular que os bons profissionais permaneçam na sala de aula e os ruins saiam dela, movimento absolutamente necessário para melhorar o ensino de uma escola e de um país. Ainda não são claras as características que distinguem um professor bom

de um ruim. O que se sabe é que a eficiência de um educador pouco tem a ver com títulos acadêmicos ou com o tempo de experiência que ele possui. Sabe-se, entretanto, que bons educadores sempre apresentam alto domínio do conteúdo que ensinam – apesar de parecer óbvio, boa parte não conhece a matéria que deveria ensinar aos alunos.

Um bom programa de valorização por mérito deve passar pela avaliação dos alunos e também pelo domínio que o educador tem do conteúdo da disciplina a ser ensinada. Os estados de São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco e a cidade do Rio de Janeiro implantaram sistemas de bonificação para professores e funcionários de escolas cujos alunos atingem as metas de aprendizagem definidas por suas secretarias de Educação. Em São Paulo, o governo estadual criou também um plano de carreira que permite ao professor aumentar o salário em 25% por ano caso faça uma prova baseada no conteúdo da disciplina que ensina. Para conseguir o aumento, o professor tem de ficar entre os 20% mais bem colocados no estado. Ao longo da carreira, ele pode dobrar a remuneração máxima que atingiria antes da criação do programa. A professora Ângela Maria Martins foi um dos 96.000 professores que fizeram voluntariamente a primeira Prova de Promoção de São Paulo, em janeiro. Educadora há 22 anos, Ângela reconhece que se sentiu desconfortável quando o governo divulgou a novidade em 2009. “Fiquei incomodada, não nego.” Aprovada com a nota 9,3, ela passou a receber 2.400

reais por mês, ante os 1.980 anteriores. “Ainda é pouco? É. Mas antes eu não tinha a menor chance de ter um aumento desses numa tacada só”, diz ela. Em março, Ângela já havia recebido o bônus por desempenho: quase três salários como prêmio por sua escola ter ultrapassado a meta definida pelo governo paulista no ano passado. “Aos poucos, vamos entendendo que professor também tem de mostrar resultado. Se é assim em qualquer empresa, por que seria diferente conosco?”, diz Ângela.

4 - Transformar o diretor em gestor escolar

Nas escolas públicas brasileiras, é comum que alunos e pais só percebam a presença do diretor do colégio quando o estudante se mete em alguma confusão. No geral, esse profissional fica enfiado dentro de uma sala, dedica a maior parte do tempo a atividades burocráticas e pouco chama para si a responsabilidade sobre o desempenho de professores e alunos da escola. Para o sucesso de qualquer proposta séria de reforma educacional, esse quadro precisa mudar. Estudos mostram que, depois do professor, o diretor é a figura com maior impacto no processo de aprendizagem. Em Singapura, somente profissionais com alto desempenho na universidade podem se candidatar à carreira de gestor escolar. A entrada na carreira acontece após um curso preparatório de seis meses com foco em administração e



CLASSE A: nas escolas de Singapura, o diretor tem formação e função de administrador

liderança, dado pelo Ministério da Educação. No Brasil, geralmente o diretor é formado em pedagogia ou em alguma disciplina de ensino, sem nenhum preparo em gestão.

As primeiras medidas estruturadas para elevar o padrão do gestor escolar são recentes no Brasil. Em Pernambuco, a Secretaria de Educação está iniciando um programa de treinamento com 180 horas de duração. O conteúdo é pautado em planejamento, liderança, monitoramento de indicadores, métodos de avaliação e conhecimento das políticas estaduais e federais relacionadas. O programa prevê a criação de um banco de dados com diretores certificados – tanto o treinamento quanto a certificação serão feitos por entidades externas. A primeira etapa (o curso de 180 horas) será realizada por 9.800 servidores. Somente profissionais que concluírem o curso poderão se candidatar à vaga de gestor escolar – em Pernambuco, os diretores são eleitos por professores, pais e alunos. Os 1.800 com melhor colocação no curso ganharão um MBA de um ano. “Já temos alguns professores com características inatas de gestão. Mas precisamos desses profissionais em todas as escolas, senão não existe plano estratégico que dure”, afirma o secretário de Educação de Pernambuco, Nilton Mota.

Matéria extraída da Revista Exame edição 978 • ano 44 • nº 19



17º Grande Baile

Beneficente dos Associados da Appai



Venha participar:

27/11/2010

19 às 24h

Ribalta Eventos
Av. das Américas, nº 9.650
Barra da Tijuca
Rio de Janeiro

São bem mais que dois pra lá e dois pra cá!

Antônia Lúcia

Dos ritmos tradicionais como samba, foxtrote, bolero até os chamados de quentes, que são o zouk, o forró e a salsa, as aulas de dança de salão oferecidas pela Appai têm sido um sucesso de ritmo e de público. Com vários espaços distribuídos pela cidade do Rio de Janeiro – zonas norte, sul, oeste e Centro –, baixada, Niterói, São Gonçalo, Magé e Maricá, a associação oferece cursos com turmas iniciantes e intermediárias, realizados através dos módulos com duração de 16 horas/aulas. Para você saber qual o espaço mais próximo de você, acesse o sítio: www.appai.org.br

O ápice das aulas acontece durante a realização do Grande Baile Appai. Desde sua 1ª edição em 2000, o Baile Appai de Dança de Salão vem se consolidando e reunindo alunos e admiradores da arte de dançar. Realizado semestralmente, o Baile oferece aos seus convidados, além do conforto e da infraestrutura, dois ambientes com ritmos variados, nos quais bailarinos profissionais têm a preocupação de não deixar ninguém sentado sem dançar, a menos,

é claro, que não queira. “Aqui no baile nós temos a certeza de que encontraremos alegria, faremos novos amigos, dançaremos, além de podermos praticar um exercício que nos ajuda em várias áreas da nossa saúde”, assegura a associada Angela Pereira de Souza Reis.

Voltado para as diversas faixas etárias, o Baile Appai reúne bem-estar, integração e coletividade. Na opinião das fisioterapeutas Elaine e Luciana, a prática regular da dança de salão pode trazer outros benefícios para a saúde. “A atividade ajuda na lubrificação das articulações resultando na melhora da mobilidade, contribuindo para o aumento da elasticidade e da coordenação motora”, diz Elaine. Este ano, em maio, quase 3 mil pessoas estiveram no evento, cujos convites são trocados por latas de leite, posteriormente doadas a instituições que atendem crianças e idosos (veja no sítio). Na edição de novembro, a equipe responsável pela organização espera aumentar ainda mais o nível de alegria.



Assistência Funeral 24 horas

**Em caso de falecimento ligue!
Nós cuidamos de tudo para você.**

Antônia Lúcia

Na hora mais difícil da vida, basta uma ligação para o telefone **0800-722-6650** e nós cuidamos desde a liberação de documentos até a realização do funeral. É simples assim. Disponível 24 horas por dia, ao longo de todo o ano, o benefício Coletivo de Assistência Funeral 24 horas da Appai foi criado para proporcionar a você segurança e tranquilidade necessárias num momento de emoção causado pela perda de um ente querido.

O benefício Assistência Funeral 24 horas disponibiliza sem nenhum custo, através de um convênio com uma seguradora, profissionais especializados na execução de procedimentos funerários necessários, evitando que você ou qualquer pessoa da família tenham de se envolver com providências administrativas ou de ordem econômica.

No caso de falecimento de uma das pessoas que façam parte do grupo segurado – associado colaborador, cônjuge, filhos menores de 21 (vinte e um) anos, pais dos associados colaboradores e beneficiários agregados, desde que estejam cadastrados e ativos no quadro associativo –, qualquer familiar, amigos ou vizinhos podem ligar para a Assistência Funeral 24 horas (0800-722-6650) informando o ocorrido. A partir da ligação a seguradora se encarregará de todo o preparativo funerário.

Para saber mais detalhes sobre a cobertura disponibilizada pela seguradora, entre no sítio da Appai: www.appai.org.br. Se você, por algum motivo, passou por essa experiência e não fez uso do benefício, consulte a área especializada da Appai através do telefone (21) 3147-3177.



Casas Legislativas

Permanência dos alunos na escolas mesmo na falta de professores

A Lei nº 5.126, de autoria do vereador Tio Carlos, dispõe sobre a obrigatoriedade da permanência dos alunos, nas dependências das escolas da rede pública municipal de ensino, durante todo o turno em que estejam matriculados, mesmo sem aula no período, no caso de falta de professores.

Campanha Institucional Permanente "Doe seu sangue pelo seu time"

A Lei estadual nº 5.816/2010 dispõe sobre a criação em caráter permanente da campanha institucional "doe seu sangue pelo seu time" no estádio do Maracanã e outros, no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.

Língua Brasileira de Sinais - Libras

A Lei Federal nº 10.436 reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Responsabilidade Educacional

A lei de Responsabilidade Educacional (Lei nº 5.451/09), de autoria do deputado Bittencourt, dá mais transparência à gestão da Educação mapeando os indicadores do setor no estado e abrindo, dessa forma, mais espaço para que a sociedade cobre soluções mais eficazes para a questão do ensino e da melhoria da qualidade do serviço público.

Escolas e locais de concursos terão assentos adaptados para obesos

A Lei nº 5.929/2010, de autoria do deputado Fernando Gusmão, determina que escolas e locais que sediam provas de concursos no estado deverão disponibilizar assentos adequados a obesos.

Quartirão Cultural

A Lei nº 4.895, do vereador Paulo Cerri, cria o Quartirão Cultural, como instrumento de incremento à cultura e desenvolvimento local, em áreas a serem definidas, no âmbito do Município do Rio de Janeiro, e dá outras providências.

Meio Ambiente

A Lei nº 4.863, de autoria da vereadora Liliam Sá, dispõe sobre a identificação de árvores centenárias e dá outras providências.

Meia-entrada em estabelecimentos Culturais e de Lazer do Estado do Rio de Janeiro

A Lei Estadual nº 2.519, de autoria de Wagner Siqueira, institui aos estudantes matriculados nas redes públicas e/ou particular o pagamento de meia-entrada do valor cobrado para o ingresso em locais de diversão, de espetáculos teatrais, musicais e circenses, cinemas, praças esportivas e similares das áreas de esporte, cultura e lazer no estado do Rio de Janeiro.

Depósito legal de obras musicais na Biblioteca Nacional

A Lei Federal nº 12.192/2010 dispõe sobre o depósito legal de obras musicais na Biblioteca Nacional, com o objetivo de salvaguardar a preservação e divulgação da obra musical brasileira.

Prevenção e combate ao Bullying

A Lei nº 5.089, de autoria do vereador Cristiano Girão, dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *Bullying* escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro e dá outras providências.

Horário integral nas escolas da rede pública municipal

A Lei nº 1.376/2007, de autoria do vereador Jorge Felipe, implanta o turno único de 7 horas nas escolas de rede pública do Município. A transição do atual período de 4 para o de 7 horas se dará de forma progressiva.

Defesa Pessoal para Idosos

Lei Estadual nº 5.822/ 2010, de autoria do deputado Tucaio, cria no âmbito do Estado do Rio de Janeiro o programa: "Defesa Pessoal para Idosos". As aulas de defesa pessoal deverão ser ministradas por professores de educação física, especializados em artes marciais ou profissional com curso técnico em Defesa Pessoal reconhecido e comprovado, além de notório saber em artes marciais.

Cursos pré-vestibulares gratuitos

A Lei nº 4.951, de autoria de vereador Adilson Pires, cria condições para o funcionamento dos cursos pré-vestibulares. A administração municipal disponibilizará espaços com capacidade ociosa para atividades das entidades que promovam gratuitamente cursos pré-vestibulares.

Educação Viária nas escolas da rede municipal

A Lei nº 5.137, de autoria do vereador Aloísio Freitas, institui as Normas de Educação Viária nas escolas da rede municipal de ensino e dá outras providências.

*Conheça a legislação vigente e acompanhe as diretrizes traçadas na área da educação.



Saúde 10 vai à escola

Tony Carvalho



O Programa **Saúde 10**, desenvolvido pela Appai com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos profissionais da educação, acaba de lançar mais uma linha de ação: o **Projeto Escolas**. A proposta é aproximar, cada vez mais, a entidade dos educadores e difundir a ideia da prevenção de doenças.

De acordo com a equipe do programa, o **Projeto Escolas** não se restringe a levar informações genéricas sobre saúde. Ele quer construir um relacionamento com o educador na busca por resultados. Para tanto, é necessário que o professor esteja inscrito no programa, pois é aberto um prontuário eletrônico e, a partir daí, iniciado um monitoramento do profissional.

A Escola Municipal Hécio Chambarelli, em Nova Iguaçu, foi a primeira a ser visitada pelo programa. Professores e funcionários da instituição receberam informações sobre doenças periodontais e diabetes, com a dentista Renata Evangelista; alimentação funcional, com a nutricionista Mônica Rocha e fizeram medições de pressão arterial, glicose, colesterol e circunferência abdominal. A visita fez com que os educadores conhecessem outros programas desenvolvidos pela Appai, como a educação continuada e os encontros de saúde, que são realizados regularmente na sede da entidade.

A professora Maria de Fátima Souza, do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, reconhece que a correria do dia a dia faz com que o educador se descuide do próprio corpo. Por isso, ela considera a iniciativa da Appai muito bem-vinda para a categoria. A coordenadora pedagógica da escola, professora Flávia Moraes, vai mais além: "Acho que deveríamos ter mais encontros como esse no decorrer do ano e, se possível, estendê-los aos alunos". O Programa Saúde 10 é voltado para os profissionais da educação, contudo os estudantes podem ser atendidos por outros programas de ações sociais da Appai. A diretora geral da escola, professora Luciana Silva, garante que a vinda desses profissionais à escola possibilita um momento de reflexão sobre a nossa saúde, uma vez que precisamos estar atentos à prevenção.

As escolas que tiverem interesse em participar do **Projeto Escolas** devem enviar o pedido para o e-mail: saude10@appai.org.br





Disfemia

Parte 2

Como vimos na edição anterior dessa coluna, a gagueira é considerada pelos profissionais especialistas como distúrbio ou transtorno de fluência da fala. Os bloqueios ou repetições normalmente se dão por conta das dificuldades que o cérebro encontra ao criar comandos para finalizar um som ou sílaba no tempo estimado.

Da mesma forma que as crianças aprendem a dar os primeiros passos, elas adquirem a capacidade de pronunciar sons da língua. Entre 1 e 2 anos se limitam normalmente a falar palavras curtas, geralmente com duas sílabas (água, mamãe, papai, vovó etc.), e, conforme os meses vão passando, o vocabulário vai enriquecendo.

Aos 4 anos estima-se que as crianças tenham em seu vocabulário de 1.000 a 1.500 palavras distintas. Surgem as frases contendo os pronomes, advérbios, preposições, entre outras estruturas gramaticais. No entanto, é necessário que os pais e os professores fiquem tentos para constatar se realmente este estágio está sendo atingido, pois algumas crianças não conseguem formar frases. E é interessante que se saiba se a causa disso é algum atraso de linguagem ou se o problema é de dificuldades na fluência da fala.

Uma criança que apresenta disfluência dentro da normalidade ocasionalmente pronuncia a sílaba no máximo duas vezes, podendo também repetir palavras e utilizar recursos como por exemplo o uso de interjeições (ai, eh, hum etc). Normalmente, essas variações ocorrem entre 2 e 7 anos e podem aumentar ou não no decorrer do tempo, pois isto vai depender da pressão demonstrada pela criança ao falar, do tempo do ouvinte a quem ela está falando, da pressão que a cerca, do vocabulário que lhe é exigido, entre outras inúmeras situações adversas que desorganizam até mesmo os adultos e nem sempre se caracterizam como gagueira.

Quando se fala em gagueira faz-se alusão a prolongamentos de sons, repetições de palavras ou sílabas e aos bloqueios de ar que acontecem em quase todas as condições da fala. Vale ressaltar que, em alguns casos, podem ocorrer indícios

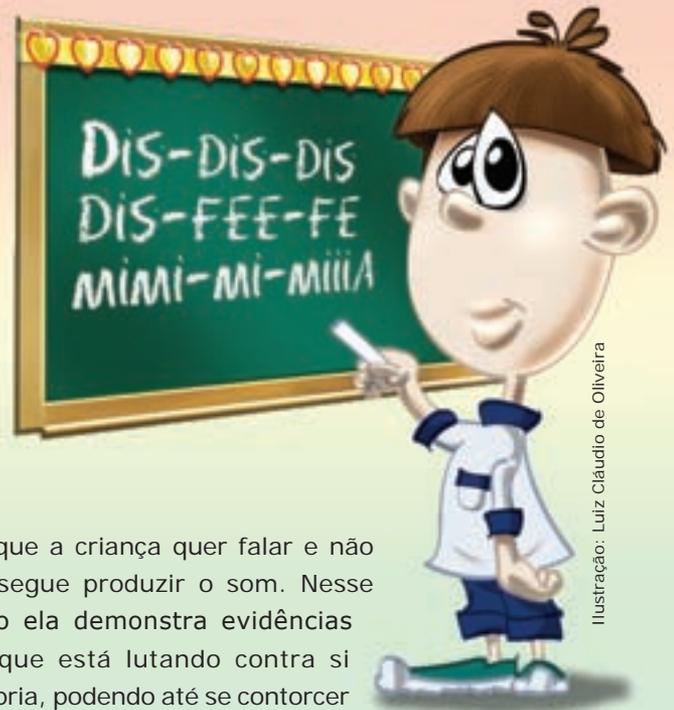


Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira

de que a criança quer falar e não consegue produzir o som. Nesse caso ela demonstra evidências de que está lutando contra si própria, podendo até se contorcer ao tentar falar, o que quer dizer que provavelmente está acontecendo uma pressão grande nos articuladores ou um bloqueio de ar, pois não é comum em nenhuma idade a ocorrência de hesitações, frases sem terminar, repetições acompanhadas de um esforço muscular e movimentos no rosto e corpo na hora de falar.

Com isso, pode-se dizer que o que determina se uma gagueira é passageira não é a idade da criança e sim a qualidade (o quanto se esforça para falar) e a quantidade (interrupções) das falas.

Referências bibliográficas:

- BOONE, Daniel R. *Comunicação humana e seus distúrbios*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. *Sua voz está traindo você? Como encontrar e usar sua voz natural*. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- DINVILLE, C. *A gagueira*. Rio de Janeiro: Editora Enelivros, 1993.
- FRIEDMAN, S. *Gagueira: origem e tratamento*. 3. ed. São Paulo: Editora Summus, 1986.
- Site: <http://portal.saude.gov.br>

Continua na próxima edição

Veja esta matéria também online no site: www.appai.org.br/revistaappaieducar

Temas Transversais são usados para mostrar a diversidade da Cultura Africana

Tony Carvalho

Um país com 11 línguas oficiais e que se destaca tanto por sua diversidade de culturas e crenças religiosas quanto por ter a maior economia do seu continente e contar com um subsolo rico em minérios, fundamentais para o desenvolvimento industrial. Esse país é a África do Sul, que este ano ganhou os holofotes da mídia por sediar a Copa do Mundo de futebol. Os alunos do Ciep 394 – Cândido Augusto Ribeiro Neto, em Nova Iguaçu, exploraram todos os aspectos relacionados a esse país e ao continente na IX Feira Integrada da instituição.

As turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio abordaram aspectos da biodiversidade, geopolítica e curiosidades da região. Cada professor atuou como orientador de uma turma e teve autonomia para desenvolver o projeto, juntamente com os alunos, utilizando diferentes formas de apresentação: maquetes, cartazes, vídeos, danças, esquetes e oficinas. "O evento é um momen-

to ímpar na escola, pois promove a integração dos alunos. Todas as turmas apresentam trabalhos, e os alunos podem trocar conhecimentos e ideias", aponta a coordenadora pedagógica Ana Paula Junqueira.

A professora Goretti Campos, de Língua Portuguesa, trabalhou com alunos do 6º ano a linguagem e os dialetos africanos. A professora de Ciências Dilma Melo abordou a biodiversidade do continente, com alunos do 8º ano. A turma apresentou uma exposição sobre vegetais e animais em extinção. Durante a feira, os visitantes tiveram a oportunidade de interagir com os estudantes, participando de um jogo de representações geográficas, cujo desafio era localizar onde algumas espécies de animais podem ser encontradas.

Já a professora de Matemática Valéria Macedo explorou temas transversais e curiosidades da Copa para envolver alunos do 8º ano. Eles utilizaram os conhecimentos de potência, radiação, números inteiros e racionais para criar uma oficina de jogos. "Cada equipe ficou responsável por uma parte do trabalho. Uma



desenvolveu as trilhas que seriam percorridas pelos participantes; outra, as regras; uma terceira equipe fez os cartões perguntas e uma quarta, os cartões dicas. Durante a feira, alunos de outras séries participaram da oficina, se divertindo e aprendendo. Quem errava voltava ao início do jogo até acertar”, relata Valéria.

Enquanto a professora Daniele Rodrigues, de Educação Física, abordou a dança e os diferentes ritmos afros que foram trazidos para o Brasil, o professor de Geografia Altair de Jesus trabalhou com os jovens do 8º ano a geopolítica do continente e as seleções que participaram da Copa, introduzindo o estudo de mapas, bandeiras e de fatos históricos. O professor de Língua Inglesa Charleston Abreu Silva enfocou, com os alunos do Ensino Médio, a influência da cultura africana no nosso país. “O Brasil recebeu cerca de 37% de todos os escravos africanos trazidos para a América. Atualmente, mais da metade da população brasileira é formada por negros, descendentes de africanos. Também abordamos o Brasil dentro do contexto africano”, explica.

Daniel Luiz Vieira Santos, aluno do 3º ano do Ensino Médio, interpretou o rei Zulu. “Para viver o personagem tive de mergulhar na cultura das tribos zulus. Foi um trabalho gratificante”, conta. Joab Matias, aluno do 8º ano, fez o papel de Nelson Mandela. “Ele foi uma figura muito importante na luta contra o *apartheid*. Por isso, fiquei muito orgulhoso em representá-lo”, diz.

As professoras de Educação Artística Leonora Moura e Fernanda Marques produziram trabalhos de artes plásticas e manuais com alunos do 5º ano ao Ensino Médio. Foram máscaras de argila e de papel, além de pinturas utilizando variadas técnicas. Os trabalhos ajudaram a decorar a escola para a Feira. No auditório foi exibido um vídeo produzido pelos alunos cuja temática foi a *black music* e a influência dos ritmos africanos no mundo. Os professores Cátia Cilene, de Língua Inglesa, e Ronaldo Silva, de Matemática, orientaram a produção dos alunos. “Eles se empenharam bastante. Fiquei satisfeita com o resultado e a turma também. É gratificante quando chegamos ao final e vemos que tanto esforço valeu a pena”, afirma Cátia.



A diretora geral da unidade, professora Claudinete Silva Dias, destaca como ponto relevante da feira o envolvimento da equipe pedagógica e dos alunos. “Todos vestem a camisa do colégio e essa dedicação se reflete em projetos consistentes”, declara. A diretora adjunta Ana Néri Lessa Viana enfatiza o que o estudante ganha com o projeto: “Sem dúvida, é um momento de crescimento para ele. Inicialmente, eles se assustam com o desafio proposto e, depois, com a ajuda dos professores, superam obstáculos, ganham autoconfiança e chegam além do que esperávamos”.

Ciep Brizolão 394 – Cândido Augusto Ribeiro Neto
Estrada da Palhada, 3.655 – Morro Agudo – Rosa
dos Ventos – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26010-003
Tel.: (21) 2698-8751
Fotos: Marcelo Ávila



Bactérias na escova de dentes



Matéria sugerida

Quente, úmido e abafado. Assim é o ambiente ideal para a proliferação de bactérias. E assim fica sua escova de dente quando ela é guardada no armário do banheiro ou mesmo em estojo próprio.

“Se não for feita a higienização correta da escova após o uso, ela se torna propícia à multiplicação das bactérias naturalmente presentes na boca e que, durante a escovação, alojam-se nas cerdas”, explica o professor Paulo Nelson Filho, da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (Forp) da USP.

Bactérias na boca

O pesquisador explica que, na boca, encontram-se cerca de 900 espécies de bactérias, capazes de viver até 24 horas entre as cerdas das escovas dentais, onde se multiplicam e tornam a entrar em contato com a boca na próxima escovação, colaborando para uma maior probabilidade de ocorrência de doenças como a cárie dental, alterações gengivais e lesões da mucosa bucal.

O pesquisador defende que a orientação deve partir dos profissionais, de modo que se torne parte da rotina dos pacientes. “Assim como ninguém reutiliza fio dental ou veste a mesma roupa por dias seguidos, a desinfecção desses itens é um hábito de higiene pessoal que deve ser adquirido”, completa o especialista da Forp.

Como deve ser feita então a higienização das escovas?

O professor da Forp recomenda a utilização de agentes antimicrobianos disponíveis

no mercado (como enxaguantes bucais), acondicionados pelo próprio paciente em frascos de plástico ou vidro, em forma de *spray*.

O produto deve ser borrifado nas cerdas e na cabeça da escova uma vez ao dia, após a escovação noturna. O professor complementa, ainda, que o próprio creme dental pode colaborar para a higienização da escova. Os mais indicados, segundo ele, são aqueles que contêm flúor e, mais especificamente, que apresentam “ação total ou global”.

Além disso, o usuário deve estar atento para a higienização em água corrente antes da próxima escovação, para retirar as bactérias mortas. “Depois do uso, deve-se bater o cabo da escova na pia, para eliminar o excesso de água, mas nunca secá-la em toalha de banho ou rosto”, recomenda Paulo, que indica três meses, em média, como o tempo ideal para a troca da escova velha por uma nova.

Como guardar a escova de dentes

Em relação ao armazenamento, o professor aponta que a escova não deve ficar sobre a pia. “O banheiro é o local mais contaminado de uma casa. Temos pesquisas que comprovam a presença de coliformes fecais alojados em escovas, em função das descargas e da proximidade com o vaso sanitário”, expõe ele. Portanto, o melhor é guardar a escova desinfetada no armário do banheiro.

Fonte: www.diariodasaude.com.br

*Artigo indicado por Elizabeth Rodrigues Ulrich do Programa Saúde 10

Postura correta no computador



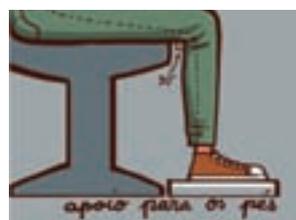
A seguir algumas dicas básicas para cuidar da sua postura:



Ao sentar-se certifique-se de que está sentado sobre os ísquios (os dois ossos pontudos da bacia, que ficam na transição entre os glúteos e o púbis). Para saber bem onde

estão seus ísquios sente-se no chão e procure encostar bem esses ossinhos no solo. Se for preciso, apalpe-os com as mãos.

Quando sentamos nos ísquios automaticamente endireitamos toda a coluna, o que não acontece se sentarmos sobre o osso sacro, que fica na base da coluna, e nos curvamos para frente ou para trás.



Quando estiver sentado na cadeira, os pés devem ter um apoio firme no chão. Se você não alcançar apoie os pés num banquinho pequeno, ou numa pilha de livros. O importante é que os joelhos

fiquem num ângulo de 90 graus. Isso ajuda a não sobrecarregar a coluna lombar.

Se o ambiente de trabalho permitir, também é válido adotar a postura sentada com pernas cruzadas “de índio”, mesmo sob a cadeira, pois essa é também uma forma muito saudável de se sentar.

As alturas da mesa e da cadeira estão boas pra você se os antebraços ficam apoiados sobre a mesa ou o teclado do computador sem estarem muito encolhidos ou muito distantes.



O importante é que os ombros fiquem confortáveis, sem tensão e principalmente longe das orelhas.

A altura dos olhos em relação à tela do computador é outro fator muito importante. Os olhos devem alcançar a tela sem que você precise abaixar ou levantar o pescoço. Ao longo do dia isso causaria contrações desnecessárias e dores na cervical e no maxilar.



A tela do computador deve ter uma luminosidade adequada, e as máquinas mais antigas geralmente pedem o uso de filtro sobre a tela para não estressar os olhos.

Faça pequenas pausas de pelo menos cinco minutos a cada hora de trabalho.

Levante-se, mexa-se e alongue pescoço, braços e as mãos para desfazer as tensões.



Mais dicas:

Certifique-se de que a temperatura do ambiente esteja agradável, com boa iluminação, sem lâmpadas piscando. Veja também se a ventilação está adequada e se o nível de ruído no ambiente está dentro do aceitável. Tudo isso interfere no conforto físico necessário para desempenhar o seu trabalho.

Karim Fromm é fisioterapeuta, psicoterapeuta e atualmente estuda acupuntura chinesa. Atende em consultório particular em São Paulo e mantém um *blog* sobre saúde e prazer: <http://orgonio.blogspot.com>
Ilustrações: Rodrigo Leão

NOVO BENEFÍCIO PARA OS ASSOCIADOS DA APPAI

Benefício de Assistência Flex Domiciliar: Para ser utilizado nos casos de ocorrências emergenciais em seus domicílios cadastrados na Appai.

Para utilizar ligue para 0800-7700351 (24 horas).

Chaveiro - Encanador - Eletricista - Vidraceiro

• Para saber informações sobre limite de utilização e cobertura por evento, acesse o site: www.appai.org.br



Jornal Appai Educar

(Veículo Técnico de Apoio ao Profissional de Educação)



Seguro de Acidente Pessoal Coletivo

(Invalidez)



Serviço Social



Benefício de Educação Continuada

(Ciclo de Cursos e Palestras)



Jurídico



Dança de Salão

(Atividade Recreativa)



Seguro de Vida em Grupo

(Morte e para algumas doenças graves)



Assistência Funeral

ANS - N° 38254-0

Médico Ambulatorial Básico Coletivo* (sem internação)

(Atendimento limitado, por ser anterior à lei específica, a alguns exames, procedimentos e especialidades)

Odontológico Ambulatorial Básico Coletivo*

(Atendimento limitado, por ser anterior à lei específica, a alguns exames, procedimentos e especialidades)

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais):



Plano Hospitalar Coletivo



Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

**Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

**A opção do desconto em folha estará disponível apenas para os órgãos ou entidades que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

Siga-nos nas mídias sociais:

